



*A Idade do Bronze em Portugal:
os dados e os problemas*



www.cph.ipt.pt

SÉRIE MONOGRÁFICA N. 1 // 2014 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Centro de Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar
Edifício M - Campus da Quinta do Contador, Estrada da Serra, 2300-313 Tomar
NIPC 503 767 549

DIRETORA

Ana Cruz, Centro de Pré-História

SUB-DIRETORA

Ana Graça, Centro de Pré-História

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem
Instituto Politécnico de Tomar

EDIÇÃO

Centro de Pré-História



Os textos são da
responsabilidade dos autores.

ISBN 978-972-9473-83-8

Associação Portuguesa de Editores e Livreiros

SEDE DE REDACÇÃO

Centro de Pré-História
Instituto Politécnico de Tomar

COORDENADORA CIENTÍFICA

Susana Soares Lopes, Professora Catedrática aposentada da Universidade do Porto

AUTORES

Lara Bacelar Alves
Alexandra Vieira
João Muralha Cardoso
Davide Delfino
Ana Cruz
Ana Graça
Filomena Gaspar
Álvaro Batista
Paulo Félix
Eduardo Porfírio
Miguel Serra
António Carlos Valera

Índice

| | |
|--|----------|
| EDITORIAL..... | 6 |
| MESA REDONDA – A IDADE DO BRONZE EM PORTUGAL: OS DADOS E OS PROBLEMAS | 9 |
| SUSANA SOARES LOPES | |
| INTERMITÊNCIAS: A ARTE E A IDADE DO BRONZE NO OCIDENTE PENINSULAR. | |
| LARA BACELAR ALVES | 15 |
| ALGUNS DADOS PARA O ESTUDO DA IDADE DO BRONZE DO NORTE DE PORTUGAL | |
| ALEXANDRA VIEIRA | 52 |
| A IDADE DO BRONZE NO ALTO DOURO PORTUGUÊS; OS DISCURSOS POSSÍVEIS. | |
| JOÃO MURALHA CARDOSO | 103 |
| A PROBLEMÁTICA DAS CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES NA IDADE DO BRONZE DO MÉDIO TEJO PORTUGUÊS | |
| DAVIDE DELFINO, ANA CRUZ, ANA GRAÇA, FILOMENA GASPAR, ÁLVARO BATISTA | 147 |
| PARA UMA APROXIMAÇÃO ÀS DINÂMICAS DE TRANSFORMAÇÃO DAS SOCIEDADES DA IDADE DO BRONZE ENTRE O ZÊZERE E O ATLÂNTICO (DOS INÍCIOS DO II AOS INÍCIOS DO I MILÉNIO A.N.E.) | |
| PAULO FÉLIX | 203 |
| ARQUITECTURAS E PRÁTICAS FUNERÁRIAS DA IDADE DO BRONZE NO CONCELHO DE SERPA: O CASO DE TORRE VELHA 3. | |
| EDUARDO PORFÍRIO | 251 |
| OS SENHORES DA PLANÍCIE. A OCUPAÇÃO DA IDADE DO BRONZE NOS “BARROS DE BEJA” (BAIXO ALENTEJO, PORTUGAL) | |
| MIGUEL SERRA | 270 |
| CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES ENTRE O 3º E A PRIMEIRA METADE DO 2º MILÉNIO A.N.E. NO SUL DE PORTUGAL: ALGUNS APONTAMENTOS EM TEMPOS DE ACELERADA MUDANÇA. | |
| ANTÓNIO CARLOS VALERA | 298 |

EDITORIAL



Editorial

A estreita colaboração existente entre o Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar, a Câmara Municipal de Abrantes e o Museu Ibérico de Arqueologia e Arte é uma realidade desde 2006.

Uma das iniciativas que, em conjunto, levamos a cabo anualmente é a organização de uma Mesa-Redonda dedicada a temáticas arqueológicas.

A calendarização do XVII Congresso Mundial da União das Ciências Pré- e Proto-Históricas para Setembro de 2014, foi o mote para a decisão de organizar a Mesa-Redonda anual em torno deste evento.

Esta iniciativa tinha ainda como propósito a delegação num investigador idóneo, representando no Congresso quer os investigadores que aderiram à ideia, quer a síntese dos projectos de investigação que se têm vindo a desenvolver na actualidade em Portugal.

Desta forma, em vez de nos dispersarmos por várias sessões, teríamos uma só voz, reconhecida por todos os convidados, reflectindo a problemática do tema por nós seleccionado: “O Estado da Arte da Idade do Bronze em Portugal”, sob os auspícios da Comissão da Idade dos Metais na Europa.

Convidámos, para a Coordenação Científica, a Professora Doutora Susana Soares Lopes que, muito amavelmente, acedeu a tomar em ombros este encargo.

Aceite a sugestão da coordenadora científica em centrar esta temática na discussão sobre as continuidades e discontinuidades culturais, procedemos ao convite dos investigadores que se dedicam ao estudo desta faixa cronológica, para se juntarem a nós trazendo nova informação e colocando questões sobre o seu olhar da Idade do Bronze em 2014.

Esta publicação, na forma de Série Monográfica, é o resultado do envolvimento científico de quem aceitou este repto.

Aqui fica registado o nosso sincero agradecimento.

PREFÁCIO

Mesa Redonda – A Idade do Bronze em Portugal: os dados e os problemas

Desde Thomsen (séc. 18/19), que criou a divisão tripartida da Pré-História europeia em três períodos (I. da Pedra, I. do Bronze e I. do Ferro), que a Idade do Bronze nunca mais deixou de vigorar nas sequências culturais europeias, independentemente das correntes teóricas do séc. 20. A Idade do Bronze autonomizou-se relativamente ao que a antecedia (as sociedades neolíticas que não conheciam o metal e que tinham construído nomeadamente os sepulcros megalíticos), e relativamente ao que lhe sucedia (as sociedades estratificadas proto-históricas que haviam dado origem aos antigos europeus citados por Heródoto).

A Idade do Bronze, situada no meio, correspondia ao período da descoberta, difusão e Intercâmbio da metalurgia (cobre, bronze, prata e ouro), no quadro emergente de sociedades hierarquizadas, cujas elites intercambiavam, à escala supra-regional, artefactos de prestígio em metal.

Entre 1994 e 1996, o Conselho da Europa promoveu um programa político sob o sugestivo e polémico título “ Campanha da Idade do Bronze”. O desígnio de tal projecto era claro: provar que a Europa teria começado a constituir-se culturalmente durante a Idade do Bronze. A sua homogeneidade cultural teria começado a surgir nesse período algo longínquo, e teria evoluído até finais do séc. 20, culminando numa espécie de proto-federalismo designado posteriormente União Europeia.

Os arqueólogos dos vários países europeus que aderiram a representar os seus países neste projecto foram convocados a realizar eventos celebratórios - nomeadamente Colóquios e Exposições - que fundamentassem a referida unidade cultural europeia no 2º/inícios do 1º milénio A.C.. Portugal, como é sabido, aderiu com a execução dum Exposição no Museu Nacional de Arqueologia, e com a montagem dum Colóquio internacional, ambos em Lisboa, em 1995 (Jorge, S.O., 1995¹; Jorge, S. O., 1998²).

A “Campanha da Idade do Bronze” do Conselho da Europa culminou com uma grande Exposição europeia sobre o tema, que se apresentou, entre 98 e 99, em Copenhaga, Bona, Paris e Atenas, e ainda com a publicação, em 98, dum Livro-Catálogo (edições em inglês,

¹ JORGE, S. O. (coord. científica) (1995) - A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder. Lisboa: SEC/IPM/MNA.

² JORGE, S.O. (ed.) (1998) - Existe uma Idade do Bronze Atlântico? Lisboa: IPA, Trabalhos de Arqueologia, nº 10.

francês, alemão e grego), intitulado “ A Europa no tempo de Ulisses. Deuses e Heróis da Idade do Bronze”. Portugal colaborou quer na Exposição, quer no Livro de síntese (VVAA, 1998³).

Este projecto político do Conselho da Europa alimentou-se, sem jamais o esconder, da instrumentalização da arqueologia - enquanto suporte de reconstituição do passado - para legitimar um programa em curso nos finais do séc. 20. Mais uma vez, a arqueologia era manipulada para construir passados em função de desígnios conjunturais do presente. Contudo, nos anos 90, tal projecto de consolidação da Europa política, convocava os arqueólogos a responder a uma questão incómoda: face à diversidade do registo arqueológico europeu era possível, no fim do séc. 20, sancionar uma unidade cultural europeia entre os finais do 3º milénio e os inícios do 1º milénio A. C.? A que escala de análise? Segundo que pressupostos teóricos? Era possível e desejável que a arqueologia se submetesse a um programa que concebia uma realidade mesmo antes de a debater?

O Colóquio internacional, realizado em 95, no CCB, em Lisboa, subordinado ao tema “Existe um Bronze Atlântico?”, mostrou à sociedade a variedade de interpretações dos investigadores europeus sobre uma eventual identidade cultural atlântica durante a I. do Bronze. Nele participaram figuras maiores da Pré-História europeia, filiadas em correntes teóricas por vezes antagónicas, como, por ex., Patrice Brun, Jean-Pierre Mohen, André Coffyn, Richard Bradley, Marie Louise Stig Sorensen, Michael Shanks, Juan Vicent Garcia ou Kristian Kristiansen, entre outros, para me restringir apenas a investigadores estrangeiros.

Rapidamente o Colóquio de Lisboa de 95 centrou-se numa questão de fundo: era possível estabelecer identidades culturais com base em materialidades metálicas de excepção, maioritariamente descontextualizadas?

O Colóquio sobre o Bronze Atlântico demonstrou que não havia qualquer consenso sobre a solidez de identidades atlânticas durante a I. do Bronze, e também sobre a forma de fazer arqueologia.

Hoje, em 2014, quase vinte anos depois, ao sermos novamente convidados a reflectir sobre a I. do Bronze no território português, creio que não podemos ignorar nem a história evolutiva deste conceito, nem, sobretudo, uma questão maior, muitas vezes silenciada na prática arqueológica: as interpretações das materialidades do passado, enquanto indicadores de comportamentos sociais, variam em função dos pressupostos teóricos dos agentes que as produzem. Não existe um passado verdadeiro, existem passados plausíveis enquadrados por abordagens teóricas que devem ser explicitadas e fundamentadas em fóruns de debate.

³ VVAA, (1998) - Gods and Heroes of the Bronze Age. Europe at the time of Ulysses. Londres: Thames and Hudson.

Se, a uma escala muito alta de análise, quisermos distinguir o Calcolítico da I. do Bronze, no território português, que traços podemos individualizar? Que meta-narrativa podemos construir?

As sociedades agro-pastoris do 3º milénio A.C. constroem paisagens pontuadas, em muitas regiões, por arquitecturas monumentais de grande escala, que albergam contextos plurifuncionais: refiro-me aos recintos murados de altura e aos recintos com fossos.

Por outro lado, tais grupos reutilizam recintos de menires de origem neolítica, ou edificam, de raiz, recintos com estelas. Reutilizam ainda sepulcros mais antigos, como monumentos megalíticos ou tholoi, para além de realizarem deposições em contextos não monumentais, como as tradicionais grutas, em fossas ou em novos hipogeus.

Podemos, assim, enfatizar a diversidade dos contextos conhecidos e a monumentalidade de muitas arquitecturas calcolíticas. A inter-conexão de vários contextos do 3º milénio A.C., no mesmo território, opera-se, em algumas regiões, através dum fenómeno cuja Identificação global não tem mais duma década: a circulação e a deposição ritualizada de “partes de coisas”, como ossos humanos ou de animais, fragmentos cerâmicos, etc. Este fenómeno de segmentação e movimentação estruturada de fragmentos de coisas - cuja identidade simbólica nos escapa - leva-nos a supor a existência de rituais espacial e temporalmente inter-conectados, com vista à consolidação da identidade cultural de sociedades ainda fundamentalmente segmentárias. A paisagem calcolítica surge, assim, contextualmente heterogénea, com destaque para a emergência de “lugares especiais” cuja visibilidade e multifuncionalidade terão servido a construção de identidades locais e regionais.

E como se comportam as sociedades desde finais do 3º milénio até inícios do 1º milénio A.C.? Que meta-narrativa podemos construir sobre a I. do Bronze em território português?

Ao contrário das sociedades calcolíticas, as da I. do Bronze constroem paisagens que não se polarizam em torno de arquitecturas monumentais. Dum certo ponto de vista, este período, pelo menos, até finais do 2º milénio A.C., acusa uma espécie de regressão de visibilidade e monumentalidade de muitos dos seus contextos.

Os recintos murados e os recintos com fossos tendem a desaparecer, ou a ser pontualmente reutilizados. As inumações/cremações ocorrem quer em pequenos sepulcros de tradição anterior, ou surgem em novos túmulos sem qualquer monumentalidade, como pequenas cistas (com ou sem tumulus), hipogeus, fossas e grutas.

Tendo em conta a informação publicada, as deposições (de qualquer âmbito) não se formalizam tanto segundo o modelo de segmentação calcolítica. As inumações, de carácter individual ou alargado, são relativamente discretas, acompanhadas maioritariamente por

vasos cerâmicos e, minoritariamente, por artefactos metálicos (de cobre, prata, ouro e bronze). Tais deposições funerárias acusam, no entanto, um grau elevado de padronização, até então pouco expressivo. Assim, durante o chamado Bronze Antigo e Médio, os lugares de manifestação de poder distanciam-se dos contextos monumentais calcolíticos: materializam-se em necrópoles com sepulcros de pequena dimensão e fraca visibilidade, em depósitos/tesouros de artefactos metálicos- que manifestam ocultações premeditadas- e ainda em estelas de cariz funerário e em santuários de arte rupestre (a arte dita esquemática e a arte dita galaico-atlântica).

Durante o Bronze Final (entre finais do 2º e inícios do 1º milénio A.C.) as paisagens deixam entrever novamente lugares de destaque, como os chamados “povoados fortificados”. Contudo, os inúmeros contextos de tesouros/esconderijos de objectos metálicos, e os pequenos sepulcros desta fase, ou as estelas que parecem marcar território, sustentam que, mesmo no final da I. do Bronze, os lugares de ostentação de poder se deslocaram definitivamente para espaços que cultivam a discricção arquitectónica.

E, no entanto, mais do que em qualquer outro momento da Pré-História Recente, durante o Bronze Final desenvolvem-se complexos mecanismos de produção e difusão de artefactos de excepção, por parte de sociedades hierarquizadas. Tais artefactos circulam entre áreas muito afastadas, atravessando contextos díspares, assumindo em cada região, quiçá, significados sociais muito diferentes. A uma escala ampla de análise, nunca antes as regiões do nosso território estiveram tão ligadas numa vasta comunidade de interesses das suas elites, e, paradoxalmente, nunca antes a sua especificidade cultural foi tão dissimulada pela padronização de materialidades metálicas de excepção.

Este tipo de narrativas de escala ampla descarta naturalmente a singularidade regional e a especificidade simbólica dos contextos sociais que caracterizam a Pré-História Recente. O preço de narrativas de ampla escala é sempre o mesmo: ao generalizar-se a regiões inteiras interpretações que só são discutíveis em determinadas áreas particulares, obtêm-se construções discursivas desfocadas, imprecisas, redutoras e repetitivas.

A certa altura, qualquer que seja a região em estudo, a um determinado nível de análise, a história que se conta, com esta ou aquela variação, é estruturalmente idêntica.

Abordar a I. do Bronze - como, aliás, qualquer outro período - pressupõe descer de escala, e enfrentar as imensas e contraditórias variáveis inerentes a análises de escala intermédia e baixa.

Neste sentido, esta Mesa-Redonda lança, em primeiro lugar, o desafio de inserir a interpretação de cada contexto, atribuível à I. do Bronze, na dinâmica regional e/ ou local a

que o mesmo pertence. E, em segundo lugar, propõe-se identificar, para cada região, continuidades e descontinuidades entre o 3º milénio A.C. e os inícios do 1º milénio A.C.

Não apenas continuidades/descontinuidades formais (ao nível das arquitecturas, dos artefactos, das paisagens), mas, sobretudo, pontos de viragem estruturais. O que implica avaliar e debater o peso cultural relativo das permanências e das rupturas identificadas pelos investigadores presentes.

Agradeço ao IPT e à Comissão Organizadora deste evento, a oportunidade que nos é concedida para tentar pôr em marcha tal desafio. Desejo que os próximos dois dias sejam plenos em difusão de conhecimento, em debate construtivo, e em entusiasmo pela partilha de informação inovadora e problematizante.

Abrantes, Abril, 2014

Susana Soares Lopes

ALGUNS DADOS PARA O ESTUDO DA IDADE DO BRONZE DO NORTE DE PORTUGAL

Alexandra Vieira

CEAACP –
Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património;
Instituto Politécnico de Bragança

Alguns dados para o estudo da Idade do Bronze do Norte de Portugal

Alexandra Vieira

Resumo

Com este trabalho pretende-se destacar alguns dados relativos ao estudo da Idade do Bronze no Norte de Portugal, cujo limite sul se define pelo rio Douro.

Abordaremos apenas a questão do povoamento e das práticas sepulcrais.

Palavras-chave: Idade do Bronze, Povoamento; Práticas Sepulcrais

Abstract:

With this work we intend to highlight some data concerning the study of the Bronze Age in northern Portugal, which southern boundary is defined by the Douro river.

We will address only the question of settlement and burial practices.

Keywords: Bronze Age; Settlement; Burial Practices

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho adota a divisão tripartida para a Idade do Bronze, datas defendidas por Ana M. S. Bettencourt para o Noroeste português:

| | Bronze Inicial | | Bronze Médio | | Bronze Final | |
|-----------|----------------|-----------|--------------|-----------|--------------|------|
| 2300/2200 | | 1700/1600 | | 1300/1200 | | 700 |
| a.C. | | a.C. | | a.C. | | a.C. |

Quadro 1. Divisão tripartida da Idade do Bronze (Bettencourt, 2009: 88).

O estudo da Idade do Bronze, numa área tão vasta como o Norte de Portugal, não se afigura como tarefa fácil, atendendo às disparidades existentes dentro da área estudada. Se a zona do Minho tem sido fruto de trabalhos de investigação direcionados para o estudo da Idade do Bronze, o mesmo não sucede na região de Trás-os-Montes e Alto Douro (a norte do rio Douro).

Em Trás-os-Montes encontram-se inventariados vários sítios com elementos que apontam para a existência de vestígios da “Idade do Bronze”. No entanto, o problema que se coloca é que esses dados resultam quase exclusivamente de trabalhos de prospeção não sistemática. A existência de materiais metálicos (bronze), os tipos de pastas e de organizações decorativas nas cerâmicas, a ausência de monumentalidade de alguns sepulcros e a implantação de determinados recintos (povoados fortificados) na paisagem, constituem os elementos “caracterizadores” desses sítios. Consideramos que é necessário utilizar estes dados com alguma cautela, até que existam intervenções arqueológicas, consolidando o conhecimento sobre essas realidades.

Sítios há, que apesar de escavados, se integram genericamente na Pré-História recente, provavelmente Calcolítico e/ou Bronze Inicial, como é o caso do ocupação pré-histórica do Castelo de Penas Róias, ou dos povoados do Barrocal Alto e Cunho (Mogadouro). São povoados de altura, para os quais não existem, ainda, paralelos no estudo do Bronze Inicial, no Norte de Portugal.

Em relação às práticas sepulcrais, são várias e diversificadas, que vão desde a reutilização de monumentos megalíticos à construção de fossas de diversas tipologias, na imediação de povoados coetâneos. Algumas delas estarão associadas às práticas de inumação, enquanto outras nos remetem para o fenómeno da incineração.

Vejamos, de um modo sucinto, alguns aspetos da Idade do Bronze na região em análise.

2. POVOAMENTO

No âmbito do povoamento, optámos por fazer a distinção entre povoados abertos e povoados de altura, designações que se prendem com os locais de implantação dos sítios. Deste modo "povoados abertos" correspondem a sítios construídos em vales ou planícies, sem qualquer sistema defensivo pétreo. Serve esta expressão para os distinguir dos “povoados em altura”, que nem sempre possuem sistemas defensivos e dos “povoados fortificados”.

2.1. Povoados Abertos

Os povoados abertos estão bem documentados na zona do Minho e do Douro Litoral. A sua arquitetura caracteriza-se pela existência de estruturas em negativo, normalmente designadas por fossas, com tipologias e funcionalidades diversas. Em Trás-os-Montes e Alto Douro (a Norte do Rio Douro) apenas há registo de um sítio com fossas, designado por Quinta de S. Lourenço 2 (Bragança), cuja cronologia se enquadra genericamente na Idade do Bronze.

Apresentamos, de forma esquemática, algumas das características destes povoados, expostas por Ana M. S. Bettencourt, em 2009, na sua obra sobre a Pré-História do Minho.

| Povoados Abertos | Implantação | Descrição | Sítios |
|------------------|---|--|--|
| BRONZE INICIAL | “Durante o Bronze Inicial dá-se a aproximação dos povoados às terras baixas com possibilidades agrícolas.” | “Os dados que permitem interpretações sobre estes sítios são ainda escassos. É possível que tenham persistido cerâmicas tradicionalmente inseríveis no Calcolítico (...) motivo pelo qual se torna difícil detetá-los.” | Sola (Braga) Areias Altas (Porto) Carreço Praia (Viana do Castelo) Boucinhas/Regueira (Ponte de Lima) |
| BRONZE MÉDIO | “O número de sítios aumenta e diversificam-se os seus locais de implantação: há (...) tendência para a ocupação de sítios de baixa altitude ou de planalto com potencialidades agrícolas, ou em colinas sobranceiras a grandes vales fluviais em áreas planálticas, próximo de pequenos vales, lameiros e prados húmidos, ocupações em locais de altitude, em áreas com profusão de afloramentos graníticos e abrigos”. | “Todos estes sítios são povoados de grandes dimensões, onde aparecem estruturas construídas em materiais perecíveis, principalmente com troncos ou ramos de carvalho, giestas, argila e terra como elementos ligantes ou de impermeabilização, definindo-se as áreas ocupacionais através de valados, buracos de poste, pavimentos, lareiras e conjuntos de fossas abertas no solo e no saibro.” | Sola IIb (Braga) Cimalha (Felgueiras) Quinta do Rápido (Barcelos) Tapada da Venda I/Pedroso (Celorico de Basto) Povoado de Lavra (Matosinhos) Monte Calvo (Baião) Bouça do Frade I (Baião) Bouça do Carriço/Moçegueira (Arcos de Valdevez) |
| BRONZE FINAL | “A par dos locais de implantação referidos para o Bronze Médio, no Bronze Final (...) aparecem povoados localizados em esporões de média altitude, na bordadura das grandes bacias fluviais da região, o que lhes permite boas condições de visibilidade sobre o território circundante e facilidades de acesso quer aos vales, quer aos planaltos”. | “Em relação à organização interna, os que se localizam em colinas e planaltos contêm inúmeras fossas abertas no saibro, frequentemente agrupadas em núcleos que, usualmente, distanciam uns dos outros algumas dezenas de metros. Nestas áreas é frequente a existência de buracos de poste talvez pertencentes a construções perecíveis que cobririam as estruturas subterrâneas. Nestes lugares foram igualmente detetados pavimentos de saibro e ou alinhamentos de buracos de poste de eventuais cabanas. Alguns deles foram delimitados por paliçadas, como é o caso do Pego, enquanto outros continham muros de contenção de terras nas vertentes, proporcionando terraços artificiais, como na Santinha.” | Pego (Cunha, Braga) Corgo (Azurara, Vila do Conde) Santinha I (Amares) Povoado da Lavra II (Marco de Canaveses) Alto da Cividade (Braga) Tapada da Venda II (Celorico de Basto) Corga do Carrope/Lugar Novo (Terras do Bouro) Bouça do Frade II (Baião) |

| | | | |
|--|--|--|--|
| <p>IDADE DO BRONZE</p> <p>Povoados abertos cuja cronologia se enquadra genericamente, por falta de dados mais concretos, na Idade do Bronze.</p> | | | <p>Quinta de São Lourenço 2 (Bragança) (1)</p> <p>Praia de Angeiras Sul (Matosinhos)</p> |
|--|--|--|--|

Quadro 2. Os Povoados Abertos (Bettencourt, 2009: 89-91; (1) Ramos, 2010: 38).

Passamos a caracterizar, sucintamente, alguns destes povoados abertos.

O sítio arqueológico da **Sola** (Braga) localiza-se num “relevo residual de baixa altitude, orientado no sentido NE-SW”, integrando-se na bacia hidrográfica do rio Cávado, na sua margem esquerda.

Ana M. S. Bettencourt destaca a existência de buracos de poste, numa ocupação balizada entre os séculos XIX a XVII a.C. (Bettencourt, 2009: 88). Refere ainda que entre os séculos XVII ao XVI a.C., duas fossas do povoado da Sola IIb “foram impermeabilizadas com cortiça e onde apareceram bolotas” (*Idem*: 89).

O povoado da Sola é igualmente conhecido pelas:

“evidências mais antigas desta prática [da metalurgia do bronze, que] correspondem a possíveis fornos em fossa com canal lateral e restos de fogueiras, a um pingo de fundição e a uma vareta encontrados no povoado da Sola IIb, em Braga, entre os sécs. XVII e XVI a.C., cuja constituição química demonstra, já, uma liga de cobre e de estanho de boa qualidade, segundo análises realizados recentemente. Em bronze, fabricam-se machados, como os de tipo Bujões/Barcelos e os de rebordo, alguns braceletes e, no fim do II milénio a.C., machados de talão sem argolas” (Bettencourt, 2009: 90).

O sítio arqueológico de **Boucinhas/Regueira** (Ponte de Lima), datado entre 2300 a 1970 a.C., situa-se num pequeno outeiro do vale das ribeiras de Garantau e Nevoinho, que pertencem à bacia do Neiva. Trata-se de um local com fossas abertas no saibro preenchidas por enchimentos com carácter detrítico, buracos de poste, pavimentos em argila. Note-se a existência de fossas onde foram exumados vasos inteiros, com vestígios de fuligem ou de matéria orgânica no seu interior, que poderiam, segundo Ana M. S. Bettencourt, ser sepulcrais (Bettencourt, 2009: 88).

O sítio arqueológico das **Areias Altas** (Porto) encontra-se implantado num nível de praia elevada, à cota média de 23 m e a uma distância de cerca de 600 m do Oceano Atlântico.

Entre 2008 e 2009, a empresa Logiark realizou trabalhos arqueológicos de carácter preventivo que permitiram a identificação de 16 estruturas em negativo, entre as quais se destacam a presença de dez estruturas do tipo “fossa” e cinco do tipo “buraco de poste”, cujas características dos seus enchimentos permitem inseri-las no II milénio a.C. (Luz, 2010: 142).

Durante a segunda fase dos trabalhos arqueológicos foi possível identificar cerca de 70 estruturas em negativo, sendo que 12 correspondem a estruturas cuja tipologia se enquadra

na categoria de “buracos de poste”, 55 na categoria “fossa” e três estruturas que se enquadram na categoria de “valado” (*Ibidem*).

Do ponto de vista da distribuição espacial, deve referir-se que a quase totalidade das estruturas do tipo “buraco de poste” está concentrada na zona Sudeste do terreno. Relativamente às estruturas do tipo “fossa”, estas apresentam-se na sua maioria muito concentradas, tendo-se verificado um maior número de estruturas na zona Sul (Barbosa, 2010b: 7).

A componente artefactual é fundamentalmente constituída por materiais de cronologia pré-histórica. Verifica-se, ao nível da cerâmica, um conjunto de características que permite enquadrá-las na Idade do Bronze, nomeadamente, fragmentos de vasos de perfil troncocónico e fragmentos com decoração plástica. Nesta estação foram encontrados dois recipientes de fundo plano e perfil troncocónico, um dos quais provido de asa lateral. Os materiais líticos são compostos por indústrias sobre seixo e sobre quartzo. Em associação com estes materiais, refira-se a identificação de um conjunto considerável de fauna malacológica (Barbosa, 2010b: 8).



Figura 1. “Plano intermédio das U.E. [891] e [892] onde é visível um recipiente cerâmico inteiro, um depósito de conchas que acompanha os limites da estrutura e uma concentração de materiais cerâmicos no centro da mesma” (Barbosa, 2010b:19).

Foi descoberto, no interior da “Estrutura 15”, um depósito de conchas de moluscos. Trata-se de uma estrutura do tipo “fossa”, aberta no substrato geológico, no interior da qual se registaram seis depósitos de enchimento, entre os quais se destaca um depósito de conchas. Do ponto de vista artefactual, a tipologia dos materiais cerâmicos remete para a primeira metade do II milénio a.C., sendo coincidente com as datações por radiocarbono das conchas

(Luz, 2010: 141). Esta estação arqueológica encontra-se datada pelo radiocarbono. A datação do depósito de conchas da estrutura 15 aponta para uma cronologia do Bronze Inicial (Cabral, 2010: 74).



Figura 2. Estrutura 15 das Areias Altas (Barbosa, 2010a).

A estação arqueológica do **Carreço Praia** (Viana do Castelo) é, segundo Ana M. S. Bettencourt:

“ (...) datável da transição do III para o II milénios a.C. e relacionável com actividades costeiras, provavelmente a extracção de sal, pois foi aí encontrado um fragmento de plaqueta similar às usadas durante a Idade do Ferro para essa actividade” (Bettencourt, 2009: 89).

No sítio da **Cimalha** (Felgueiras) foi detetado um povoado atribuível à Idade do Bronze. Temos conhecimento da realização de duas escavações arqueológicas efetuadas em momentos distintos e áreas não sobrepostas.

Na escavação dirigida por Pedro Brochado de Almeida e Francisco Fernandes (Mola Olivarum Lda), os vestígios encontrados permitiram identificar diversas áreas com funções especializadas: uma área habitacional, uma zona com “fossas de aprovisionamento” e uma necrópole (Almeida e Fernandes, 2008: 29).

A intervenção arqueológica permitiu detetar diversos tipos de estruturas, nomeadamente “lareiras e restos de piso de duas cabanas, e respectivos buracos de poste, bem como outras estruturas abertas no terreno geológico, nomeadamente fossas, quer do

tipo de fossas de armazenamento de alimentos do tipo silo, quer do tipo de fossas sepulcrais em forma de cista plana” (*Idem*: 35).

Os inúmeros buracos de poste encontrados, alguns dos quais com alinhamentos diferentes, permitem pensar que estas cabanas foram objeto de diversas reformulações. Outro dos elementos arqueológicos detetados no povoado da Cimalha são as fossas de armazenamento de alimentos “do tipo silos”, que são fossas abertas no substrato saibroso, quase todos com uma abertura circular ou subcircular, variando entre a abertura estreita e a abertura larga (Almeida e Fernandes, 2008: 36). No total foram encontradas 122 fossas deste tipo. Foram associadas apenas 16 fossas de aprovisionamento às duas cabanas existentes, o que constitui 14% do total de silos detetados (*Idem*: 37).



C. M. FELGUEIRAS - Dezembro 2004

© F. Piqueiro / Foto Engenho, Lda

Figura 3. Fotografia aérea do sítio da Cimalha (imagem de F. Piqueiro - Câmara Municipal de Felgueiras, cedida por Pedro Almeida e Francisco Fernandes - Mola Olivarum Lda).

Estes autores interpretam este sítio da seguinte forma:

“A área escavada revelou estarmos na presença de um povoado com três áreas especializadas, uma habitacional associada a estruturas de aprovisionamento, à qual correspondem as estruturas tipo cabanas identificadas pelos buracos de poste e respectivos silos; uma outra exclusivamente de aprovisionamento, à qual se poderia apelidar de “grande armazém”, onde só foram detetados silos, uma boa parte deles com elementos pétreos relacionados com a moagem de cereais, nomeadamente mós manuais ou o que restam delas e respectivos moventes e uma terceira área, esta funerária, ao qual se pode apelidar de necrópole do povoado, cujas sepulturas são abertas no saibro sem estruturas delimitadoras, área essa situada relativamente

próxima, se não mesmo contígua, à área com estruturas de aprovisionamento” (Almeida e Fernandes, 2008: 42).

Segundo Andreia Arezes, que escavou uma outra área deste sítio, no quadro de uma intervenção da Perennia Monumenta, foram identificadas um total de 77 cavidades interpretadas como “fossas” de tipologias e dimensões distintas. O trabalho de escavação permitiu verificar as “relações de anterioridade/posterioridade entre algumas das fossas, mediante análise dos cortes efectuados para criação de novas estruturas análogas, circunstância que pode encontrar justificação à luz de uma diacronia longa e da vigência de mais do que uma fase de ocupação” (Arezes, 2006: 25).



Figura 4. Fossas escavadas na Cimalha (Arezes, 2006).

Em relação ao espólio proveniente das camadas arqueológicas e do enchimento das estruturas em negativo, destacam-se alguns artefactos líticos, nomeadamente um molde de fundição em xisto, de machado do “tipo Bujões-Barcelos”, que poderá ser integrado no Bronze Médio (Arezes, 2006: 25).



Figura 5. Molde de fundição em xisto - machado do “tipo Bujões-Barcelos” (Arezes, 2006).

Em relação ao material cerâmico, os fragmentos de vasos de bordo “horizontal” foram detectados quer no enchimento de fossas, quer nas camadas que se lhe sobrepunham. No que se refere à decoração dos materiais cerâmicos, foram identificados fragmentos brunidos, motivos plásticos, sobretudo cordões ou grinaldas, e “ainda incisos, havendo, neste caso, que destacar a decoração de ambiência «tipo Penha», associada ao fenómeno “Campaniforme” (Arezes, 2006: 130).



Figura 6. “Vaso detectado no segundo nível de enchimento da Fossa nº 31 (Arezes, 2006).

A Cimalha parece ter sido um povoado com níveis de ocupação que percorrem toda a Idade do Bronze, “desde o final do III milénio a.C., até ao final da Idade do Bronze” (Almeida e Fernandes, 2007: 121).



Figura 7. Planta final da escavação da Cimalha realizada pela empresa Perennia Monumenta em 2006 (Arezes, 2006).

A **Quinta do Rápido** (Barcelos) localiza-se na margem Sul do rio Cávado. A área arqueológica estende-se pelas vertentes Norte de dois cabeços graníticos, onde foram escavadas aproximadamente 180 estruturas tipo fossas escavadas no saibro com diferentes formas. Foram ainda detetadas duas valas abertas no saibro e exumados diversos fragmentos cerâmicos típicos da Idade do Bronze, de mós (moventes e dormentes) e alguns seixos talhados (Carla Martins, Portal do Arqueólogo, em linha).

A **Tapada da Venda** (Pedroso, Celorico de Basto) situa-se numa chã da vertente nordeste do Alto do Couto, pequena elevação do planalto da Lameira. Apesar de se situar num local aberto, não apresenta destaque em relação à paisagem envolvente (Sampaio, CACB). Na sequência do alargamento da estrada entre a Lameira e Rego, em 1979, foram postas à vista várias fossas abertas no saibro de secção sub-retangular e materiais arqueológicos. Da intervenção arqueológica realizada no local, resultou a identificação de vários buracos de poste, fossas abertas no saibro e diversos recipientes de cerâmica de fabrico manual. Por altura da descoberta, foram recolhidos nas proximidades vários machados de pedra polida (*Ibidem*). As características do espólio admitem a integração da Tapada da Venda na Idade do Bronze do Norte de Portugal e são coincidentes com a data da segunda metade do II milénio a.C., obtida para o Corte 1 (Bettencourt *et al*, 2002: 194). Este sítio foi ocupado em momentos distintos: entre os séculos XV e XIII/XII a.C. (Tapada da Venda I) e os séculos XIII e XI a.C. (Tapada da Venda II) (Bettencourt, 2009: 89-90).

Em Matosinhos, foram detetados dois sítios com ocupação da Idade do Bronze, distando cerca de 1 km entre si. O sítio de **Lavra** (Matosinhos) localiza-se na plataforma litoral, numa pequena colina residual, tendo sido encontrado um nível de ocupação da Idade do

Bronze associado a diversas fossas e buracos de poste, bem como artefactos cerâmicos, líticos e ecofactos. O estudo destes materiais permitiu classificar este sítio como um povoado do Bronze Médio, mais precisamente, entre os finais do séc. XVII/inícios do XVI e os finais do séc. XV a.C., conforme datas de radiocarbono recentemente obtidas (Bettencourt, 2010b: 51; Bettencourt e Fonseca: 2011).



Figura 8. Uma das fossas do povoado da Lavra, Matosinhos (Fonte: José Varela).

Relativamente perto, durante uma intervenção arqueológica em 2008 da empresa Arqueologia e Património, foi identificada uma estrutura pétreia na **praia de Angeiras Sul**. Trata-se de um pequeno murete com um alinhamento Oeste-Este, no qual se recolheu um número reduzido de fragmentos cerâmicos de fabrico manual, enquadrados na Idade do Bronze (Silva e Piedade, 2011: 11).

O **Monte Calvo** (Baião) é uma pequena elevação localizada na vertente NE da Serra da Aboboreira. Está implantado na vertente W daquela pequena elevação, situando-se no lado direito de um estradão. A abertura do estradão veio colocar a descoberto duas estruturas incompletas, do tipo fossa, implantadas no saibro alterado do talude marginal (lado Sul). Após quatro campanhas de escavações arqueológicas “detectou-se um pequeno conjunto isolado de oito fossas abertas no saibro, agrupadas no interior de uma área subcircular, cujo limite era definido por buracos de poste. A interpretação funcional das fossas escavadas parece-nos ser a de silos”. De notar a presença de vários exemplares parcelares de moinhos manuais de granito e de numerosos vasos cerâmicos, destinados certamente ao aprovisionamento de cereais. Estes recipientes eram de grandes dimensões, apresentando frequentemente matéria orgânica carbonizada aderente às superfícies internas (Gonçalves, 1982: 105).

“ (...) as estruturas foram abertas no saibro de base, em zonas sem cascalheira, mais ou menos afastadas desta; parece haver uma certa tendência para uma distribuição espacial dos elementos, concentrando-se os buracos de poste na zona

genericamente SE, as fossas na área contígua a NW, e a cascalheira, acima da qual foi encontrada a maior parte dos fragmentos cerâmicos, na extremidade NW da área até agora escavada” (Gonçalves, 1981: 86).

Monte Calvo foi ocupado nos finais do Bronze Inicial, inícios do Bronze Médio, entre os séculos XIX-XVII a.C. (Gonçalves e Bettencourt, 2010 citado em *Martín Seijo et al.*, 2011: 87).

A **Bouça do Frade** (Baião) localiza-se na periferia da Serra da Aboboreira, ocupando um pequeno morro de vertentes suaves. Foi intervencionado em várias campanhas de escavação e os seus dois níveis de ocupação integram-se no Bronze Médio e no Bronze Final.



Figura 9. Escavação de um grande vaso de aprovisionamento na Bouça do Frade (Portal do Arqueólogo, em linha).

Segundo Susana Oliveira Jorge,

"observámos, para além de muitas dezenas de buracos de poste, que assinalam a presença de construções em madeira ou outros materiais perecíveis, uma quantidade apreciável de fossas abertas no saibro, com as mais diversas formas, dimensões e tipos de enchimento. Se algumas delas podem ter desempenhado a função de lareiras, a maioria deve ter servido originalmente como fossas de armazenamento, tendo-se com o tempo eventualmente transformado em fossas detriticas, ou tendo sido simplesmente colmatadas por fenómenos naturais, após o abandono do habitat. À excepção de um murete, muito arruinado, existente na periferia de uma das zonas com maior declive do povoado (que pode ter exercido a função de contenção de terras), não foram encontradas outras estruturas pétreas evidentes" (Jorge, 1988a: 134).

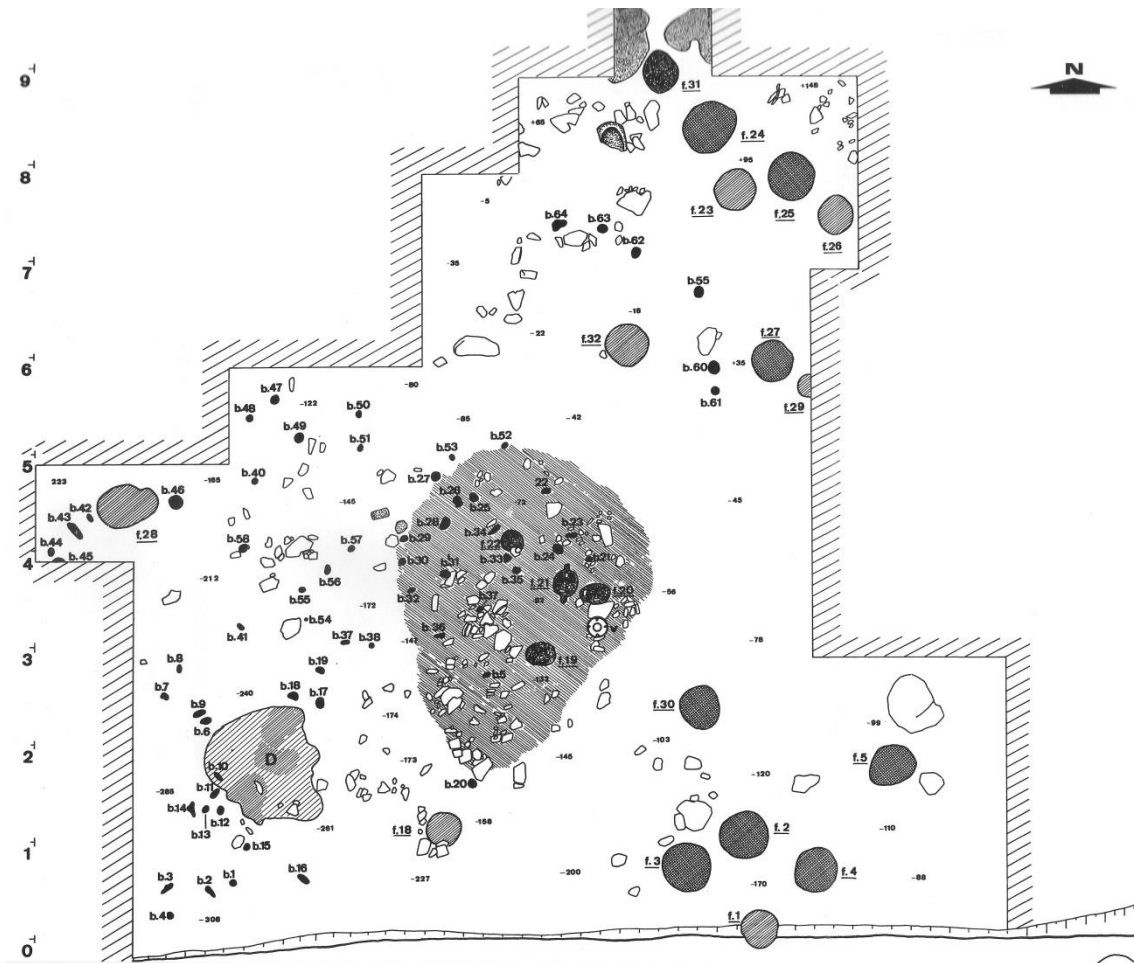


Figura 10. Planta do setor II-B da Bouça do Frade (Jorge, 1988b).

Os materiais exumados durante as escavações são constituídos por recipientes cerâmicos (grandes vasos bojudos de provisões, vasos lisos de médias dimensões) e materiais líticos. Os vasos de largo bordo horizontal aparecem associados a cerâmicas de tipo “Cogotas I” e de tipo “Baiões” (Jorge, 1988a: 135).

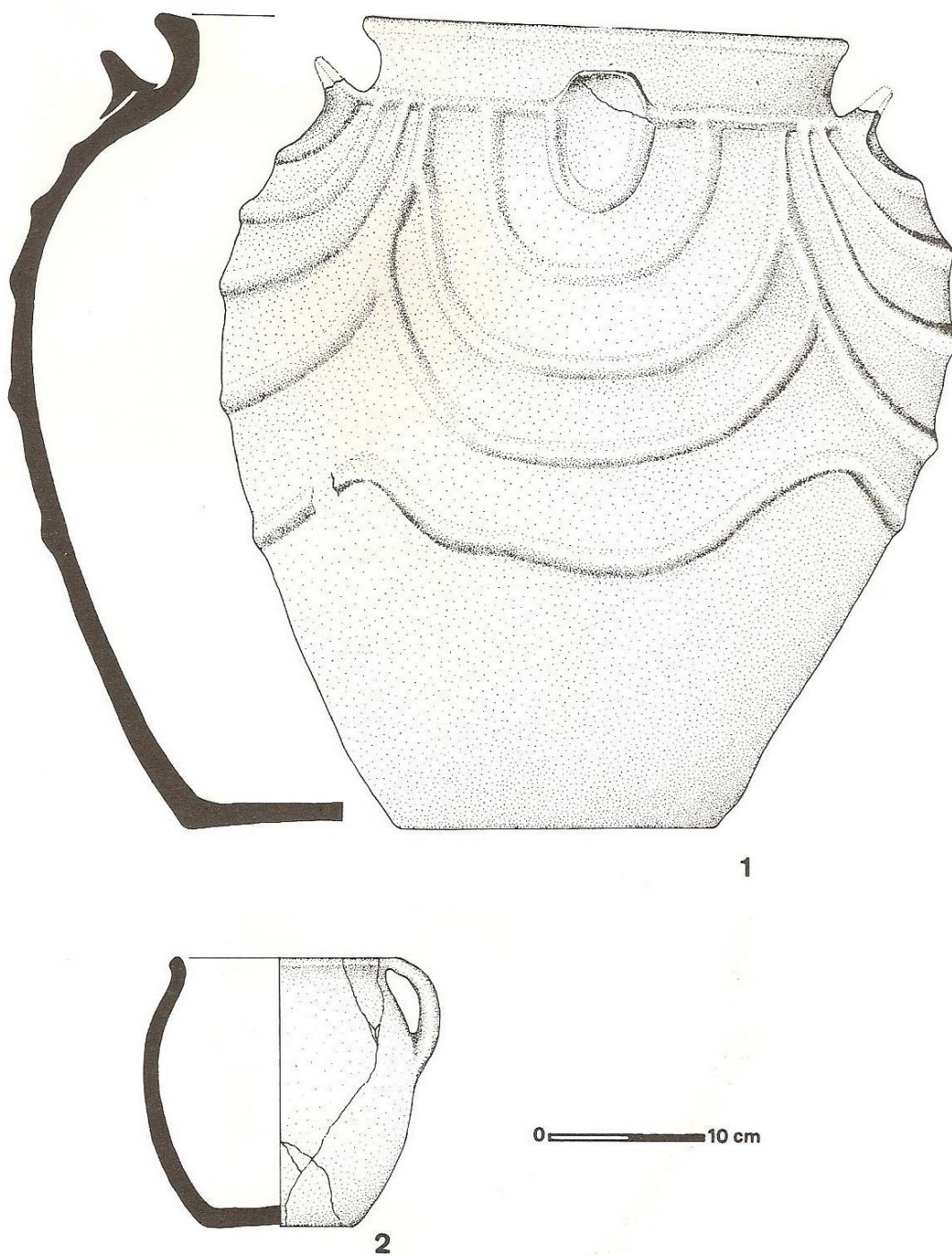


Figura 11. Bouça do Frade: Vaso de aprovisionamento e pequeno púcaro encontrado no seu interior (Jorge, 1988b).

O sítio do **Pego** (Braga) ocupa uma pequena colina sobranceira ao vale do ribeiro da Levegada, afluente do rio Este, integrado na bacia do Ave. “A área possuiu excelentes condições de visibilidade, principalmente para Sul e Este, onde se encontra um vale aluvionar de considerável dimensão e bons terrenos agrícolas” (Sampaio *et al.*, 2008: 228). A presença humana no local identifica-se pela presença de estruturas em negativo, escavadas no granito.

Foi possível distinguir uma enorme vala de fundação de uma paliçada que delimitaria todo o povoado, numa área superior a 1000 m². No interior da vala foram efetuadas deposições de vários recipientes cerâmicos, que indiciam terem sido encostados aos postes de madeira, imediatamente antes do aterro da vala. A plataforma superior regista a presença de diversos valados, de pequena dimensão, associados a um total de 15 buracos de poste, contendo alguns deles restos de argila. “Tal conjunto indicia fundações de estruturas em madeira, quiçá de uma cabana, com um provável revestimento das paredes em argila” (*Idem*: 228-229). Ainda nesta zona foi possível identificar, até à data, cerca de duas dezenas de fossas abertas no saibro e, por vezes, na camada de ocupação (a nº 3), podendo algumas delas ser interpretadas como estruturas de armazenamento ou fossas-silo (*Ibidem*).

O **Corgo** (Vila do Conde) está implantado numa zona de encosta do vale do Rio Ave, na sua margem esquerda, exposta a Nordeste (Botelho e Sobral, 2007: 5). Com vários hectares de extensão, este povoado da Idade do Bronze possui o seguinte tipo de estruturas: fossas, valados e buracos de poste. Este sítio terá ocupações do Bronze Médio, do Bronze Final e ocupações posteriores. Possui estruturas em negativo de planta circular e subcircular; pequenos “valados” com cerca de dois metros de comprimentos por 30/40 cm de largura. Na área de maior concentração de buracos de poste, não existiam praticamente fossas nem valados. Na zona onde se concentrava o maior número de fossas, pelo contrário, não foram detetados valados nem buracos de poste. Na limpeza de um dos cortes, durante a primeira fase de escavações, foi encontrado um vaso de largo bordo horizontal (informação pessoal de Sérgio Gomes e Lurdes Cunha).

Nesta estação foram detetados:

“1943 buracos de poste, 198 valados, 386 fossas e 1 fosso, ainda que com predominância total na sequência estratigráfica pré-histórica; é com dificuldade que se reconhecem geometrias funcionalmente significantes entre os negativos: uma cabana retangular, outras duas circulares, e três concentrações de fossas, duas das quais isoladas e a terceira no interior de uma das cabanas. (...) Em relação ao espólio cerâmico passível até ao momento de identificação da forma, dir-se-á que dominam vasos maioritariamente lisos ou providos de pontual decoração plástica, patenteando formas ovóides com colo e fundos planos, sendo também de referir a presença de uma taça semiesférica de bordo plano” (Botelho, 2013: 585-586).



Figura 12. Conjunto de fossas escavadas no sítio do Corgo, Vila do Conde (Metro do Porto, em linha).

Localizado na margem direita da bacia do curso médio do rio Cávado, o povoado da **Santinha I** (Amares) ocupa a plataforma e parte da encosta sul de uma colina. É um povoado com ocupação nos finais da Idade do Bronze, sem vestígios de fortificação ou fosso. Os vestígios das estruturas encontradas durante a sua escavação apontam para uma “diferenciação funcional do espaço”: na plataforma superior foram detetadas fossas abertas no saibro, inscritas no interior de um murete, enquanto a encosta Sul apresentou outro tipo de organização, onde se identificaram estruturas de habitação, em simultâneo com fossas, bem como vestígios de enterramentos, inseridas numa plataforma artificial, delimitada por um muro de contenção (Bettencourt, 2001). Em suma, no caso da plataforma superior da Santinha I, existia um murete de pedra, associado a buracos de poste, que constituiriam a base de uma edificação em materiais perecíveis onde se inseriam várias fossas (Bettencourt, 2009: 91).

A estação da **Lavra II** (Baião) foi detetada em 1980. A escavação revelou tratar-se de um habitat pré-histórico com duas ocupações, uma do Neolítico Médio/Final e outra do Bronze Final (Sanches, 1988: 126). A ocupação do Bronze Final, denominada de Lavra II, revelou várias estruturas habitacionais - fossas de forma e dimensão variável, buracos de poste, lareiras e ainda um piso - as quais se estendem por uma área não inferior a 2 ha. (Bettencourt, 2009: 91).

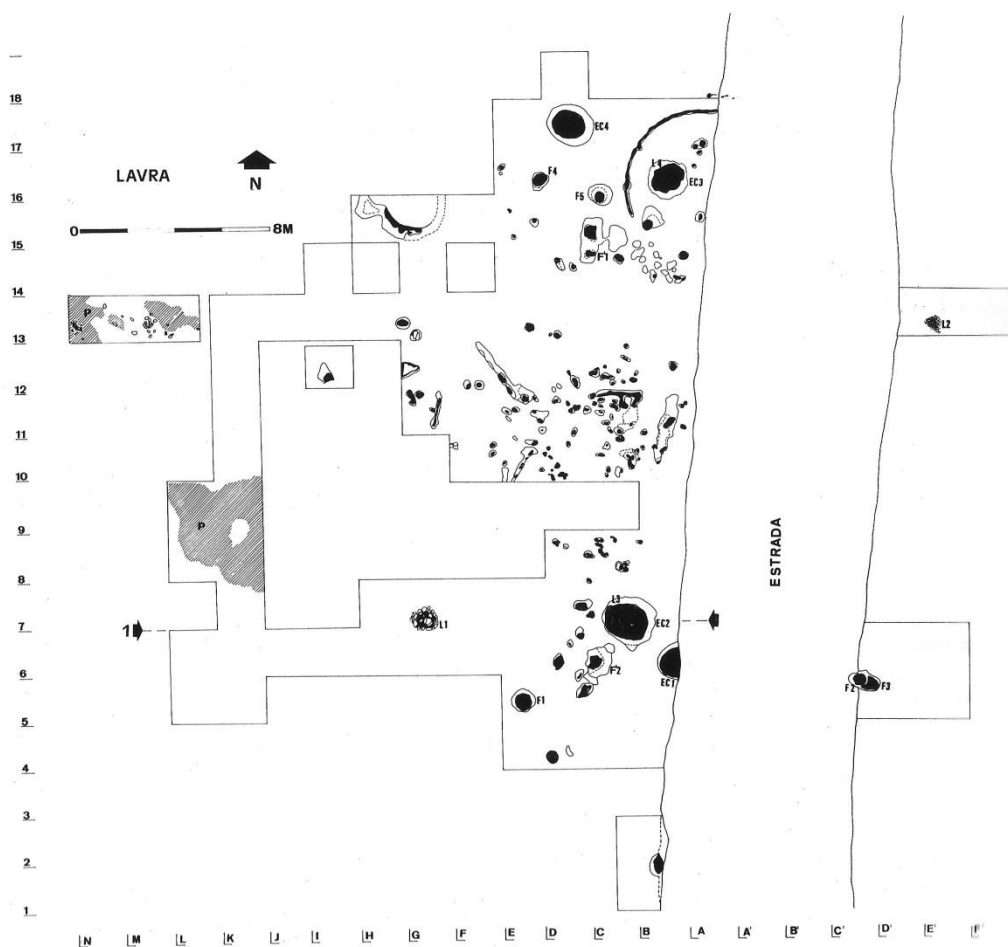


Figura 13. Planta geral da Lavra II (Baião) (Sanches, 1988: 127).

Na **Quinta de São Lourenço 2** (Bragança) foram escavadas 16 estruturas em negativo, que poderiam corresponder a silos para armazenamento, provavelmente, de cereal, abertos no substrato base, tendo também sido identificadas e escavadas quatro lareiras relacionadas com essas estruturas de armazenamento. Os silos, que se concentravam num núcleo com aproximadamente 90 m², foram abertos num depósito argiloso bastante consistente, tendo sido posteriormente cheios com outros depósitos de terra escura menos compacta e com lajes de xisto. Estas estruturas circulares possuíam paredes regulares que convergiam para um fundo plano e apresentavam, em média, 80 cm de profundidade. As lareiras foram, à semelhança dos silos, feitas no substrato base, possuindo planta circular e uma profundidade média de 15 cm. O enchimento era constituído, na sua maior parte, por níveis de carvões e argila queimada. O material arqueológico exumado durante a escavação é constituído maioritariamente por fragmentos de cerâmica, embora também tenham sido encontradas algumas mós manuais em granito e anfibolito. As formas e o tipo de decoração dos fragmentos de cerâmica recolhidos, permitiram enquadrar cronologicamente esta estação genericamente no II milénio a.C. (Ramos, 2010: 38).

Após a caracterização deste conjunto de povoados abertos, que se integram em vários momentos da Idade do Bronze, duas ideias parecem ganhar consistência:

a) A existência de estruturas do tipo fossa com funcionalidades distintas, parece ser uma presença constante;

b) A estruturação interna dos povoados onde parece haver uma “diferenciação funcional do espaço”, que pode resultar de algum tipo de planificação prévia dos sítios. Essa realidade é bastante evidente nas Areias Altas, na Cimalha, no Pego, na Santinha, no Monte Calvo e no Corgo.

2.2. Povoados de Altura

De seguida, iremos apresentar um quadro com a caracterização geral dos povoados de altura, recorrendo às palavras de Ana M. S. Bettencourt e, posteriormente avançaremos com a descrição de alguns desses sítios.

| POVOADOS DE ALTURA | Implantação | Descrição | Sítios |
|--------------------|--|--|---|
| Bronze Inicial | | | |
| Bronze Médio | No topo de um grande monte. | Estruturas compostas por cabanas (pisos e buracos de poste) associadas a lareiras. | Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) |
| Bronze Final | <ul style="list-style-type: none"> - “Em contextos de monte; - Em remates de esporões de média altitude, na bordadura de vales (entre outros); - em posição similar aos anteriores, mas a baixa altitude” (Bettencourt, 2009: 91) | <p>“A organização interna dos povoados de média altura, na bordadura de grandes vales ou da plataforma litoral é pouco conhecida devido à inexistência de escavações em área.</p> <p>Sabe-se, no entanto, que teriam sido construídos essencialmente, com materiais perecíveis. As estruturas habitacionais teriam pisos de argila compactada ou de terra batida, por vezes delimitados por alinhamentos de pedras, pequenos valados ou buracos de poste” (Bettencourt, 2009: 91).</p> <p>“Tendo em conta o número de povoados que se conhecem para este período, o processo de amuralhamento durante o Bronze Final do Noroeste, teria sido raro” (Bettencourt, 2009: 91)</p> | <p>MINHO</p> <p>São Lourenço (Esposende)</p> <p>Barbudo I (Vila Verde)</p> <p>Alto de Santa Ana (Chaves)</p> <p>Lugar da Costa (Vila Verde)</p> <p>Cabanas I (Braga)</p> <p>Falperra I (Braga)</p> <p>Nossa Senhora de Fátima (Braga)</p> <p>Castelo de Faria I (Barcelos)</p> <p>Roriz I (Barcelos)</p> <p>DOURO LITORAL</p> <p>Alto da Caldeira (Baião)</p> <p>Rua D. Hugo, n.º 33 (Porto)</p> <p>Monte Padrão (Santo Tirso)</p> <p>TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO</p> <p>Fraga dos Corvos (Macedo</p> |

| | | | |
|--|--|--|--|
| | | | de Cavaleiros) |
| | | | Povoado do Baldoeiro (Torre de Moncorvo) |
| | | | Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar) |
| | | | Crasto de Palheiros (Murça) |
| | | | Senhora do Castelo (da Adeganha) (Torre de Moncorvo) |
| | | | Castro de São Juzenda (Mirandela) |
| | | | Vila Velha (Vila Real) |

Quadro 3. Os Povoados de Altura (ver bibliografia).

O **Castro de S. Lourenço** (Esposende) terá começado a ser construído durante o Bronze Final. Desta fase existe a indicação de ter aparecido um machado de bronze. No decorrer das escavações deste sítio recolheram-se alguns fragmentos de vasos cerâmicos que se integram neste período. Há ainda referências a uma construção circular efetuada com pedra miúda ligada com barro, associadas a uma ocupação entre os séculos IX a VI a.C. (Bettencourt, 2013: 149).

O **Castelo de Faria I** (Barcelos) localiza-se num outeiro íngreme e rochoso na encosta NO do monte da Fanqueira. Possui três linhas de muralhas com construções e materiais de diversas épocas, desde o Bronze Final até aos finais da Idade Média. Neste sítio foram encontrados vários fragmentos cerâmicos de tipo "Penha" e "boquique", pontas de seta em xisto (Bronze Final), entre outros materiais de cronologias posteriores (Portal do Arqueólogo, em linha).

O **Alto da Caldeira** (Baião) constitui uma elevação relativamente individualizada no extremo SW da Serra da Aboboreira, onde decorreram dois momentos de ocupação, uma primeira que deverá remontar, a meia encosta, pelo menos à Idade do Bronze e uma outra no topo, que será Medieval. Segundo Susana Oliveira Jorge destaca-se a presença "de fórmulas cerâmicas normalmente inseridas em horizontes meridionais do Bronze Final a par de recipientes de tradição e fabrico local". A "existência de três pequenos fragmentos de vasos de fabrico a torno, e a própria implantação do habitat - no alto duma elevação com condições naturais de defesa" levam a autora a colocar a hipótese de o Alto da Caldeira "ter constituído um local de povoamento tardio nos finais da Idade do Bronze/inícios da I. do Ferro" (Jorge, 1981: 72-73).

No morro da Sé do Porto, na **Rua D. Hugo, n.º 33**, foram detetados vestígios da Idade do Bronze. Na sondagem 02 da escavação dirigida por Jorge Fonseca, para a empresa Arqueologia e Património, surgiu um conjunto de depósitos associados a cerâmicas atribuíveis à Idade do Ferro/Bronze Final. "Os níveis arqueológicos estratigraficamente abaixo cobriam os restos de um piso. Nestes contextos a análise preliminar dos fragmentos cerâmicos recolhidos remetem-nos para a ocupação do espaço em finais da Idade do Bronze" (Fonseca, 2011: 19). Estes elementos parecem confirmar os dados avançados pelas escavações de 1984, sob a orientação de Manuel Real, numa outra casa da Rua D. Hugo (nº 5). Segundo António M.S.P.

Silva (2010: 222) a partir da escavação de 1984 "verificou-se que o povoado indígena da Idade do Ferro, com origens no Bronze Final, se situava de facto naquela elevação da Penaventosa (...)."



Figura 14. Piso e material cerâmico do Bronze Final proveniente da Rua D. Hugo, nº 33 (Fonseca, 2011: 20-21).

A **Fraga dos Corvos** (Macedo de Cavaleiros) situa-se no topo de um grande monte, sobre a aldeia de Vilar do Monte, nos contrafortes ocidentais da serra de Bornes. As evidências arqueológicas do povoado e do abrigo 2 integram-se na Idade do Bronze. Foram definidos vários buracos de poste que parecem delimitar várias cabanas. "As produções cerâmicas caracterizam-se pela existência de recipientes com decorações de "tradição Campaniforme" impressas a pente, juntamente com taças de "tipo Cogeces ou Protocogotas", que por vezes combinam decorações pontilhadas geométricas e incisadas ocasionalmente com preenchimento a pasta branca" (Senna-Martinez *et al.*, em linha).

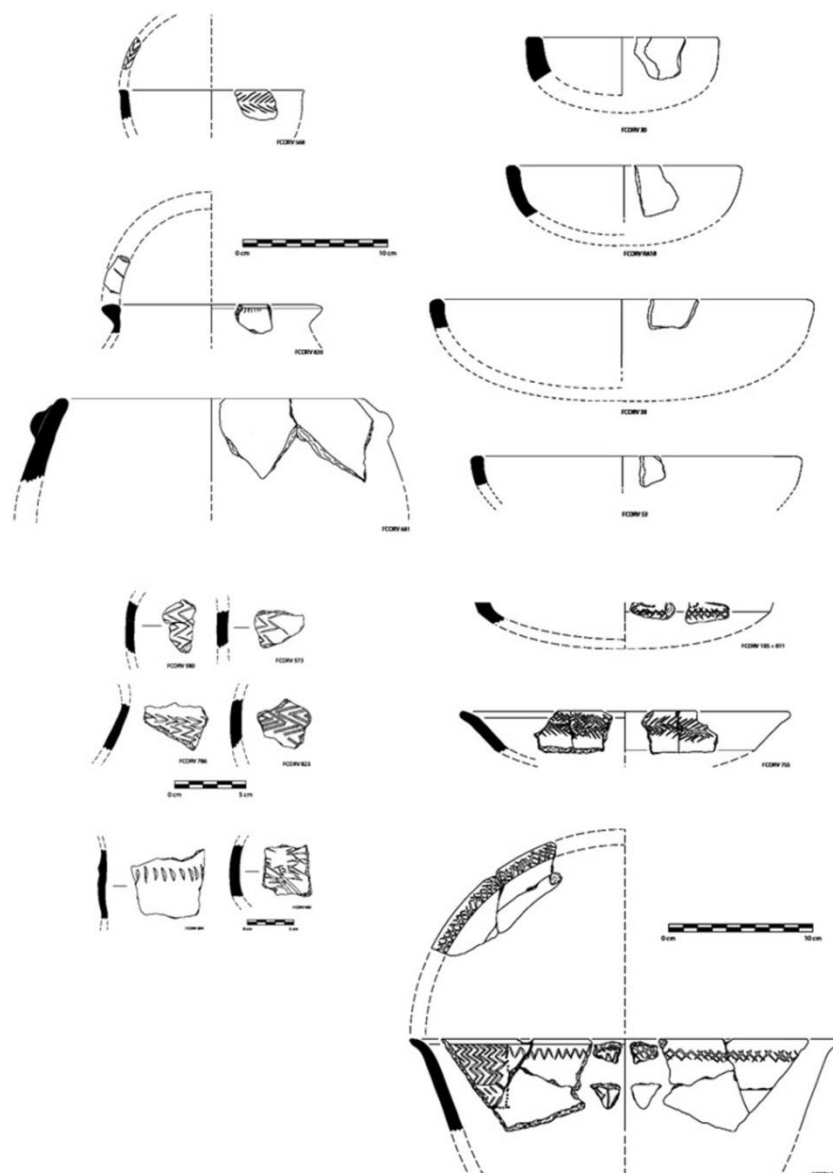


Figura 15. Fraga dos Corvos - Olaria do Povoado do Bronze Médio (sg. Senna-Martinez, *et al.* 2007, fig.5 - reprodução autorizada).

Segundo os autores da escavação:

“A associação de olaria decorada de tradição campaniforme, até à data identificada em todas as fases e praticamente todas as cabanas escavadas, juntamente com formas e decorações típicas do "Mundo Cogeces" constitui um argumento poderoso para enquadrar este povoado num momento relativamente antigo da primeira Idade do Bronze, eventualmente no segundo quartel do segundo milénio a.C. Assim a ser correcta esta proposta de cronologia, estamos em presença de um dos mais antigos povoados com evidência de produção de bronzes conhecidos no território português” (Senna-Martinez e Luís: 2009: 76).

Os contextos da prática da metalurgia escavados neste sítio, únicos em toda a região de Trás-os-Montes e Alto Douro, permitem “integrá-lo num horizonte cronológico compatível com os machados tipo “Bujões/Bacelos”, numa produção regional dos primeiros bronzes binários” (*Ibidem*).

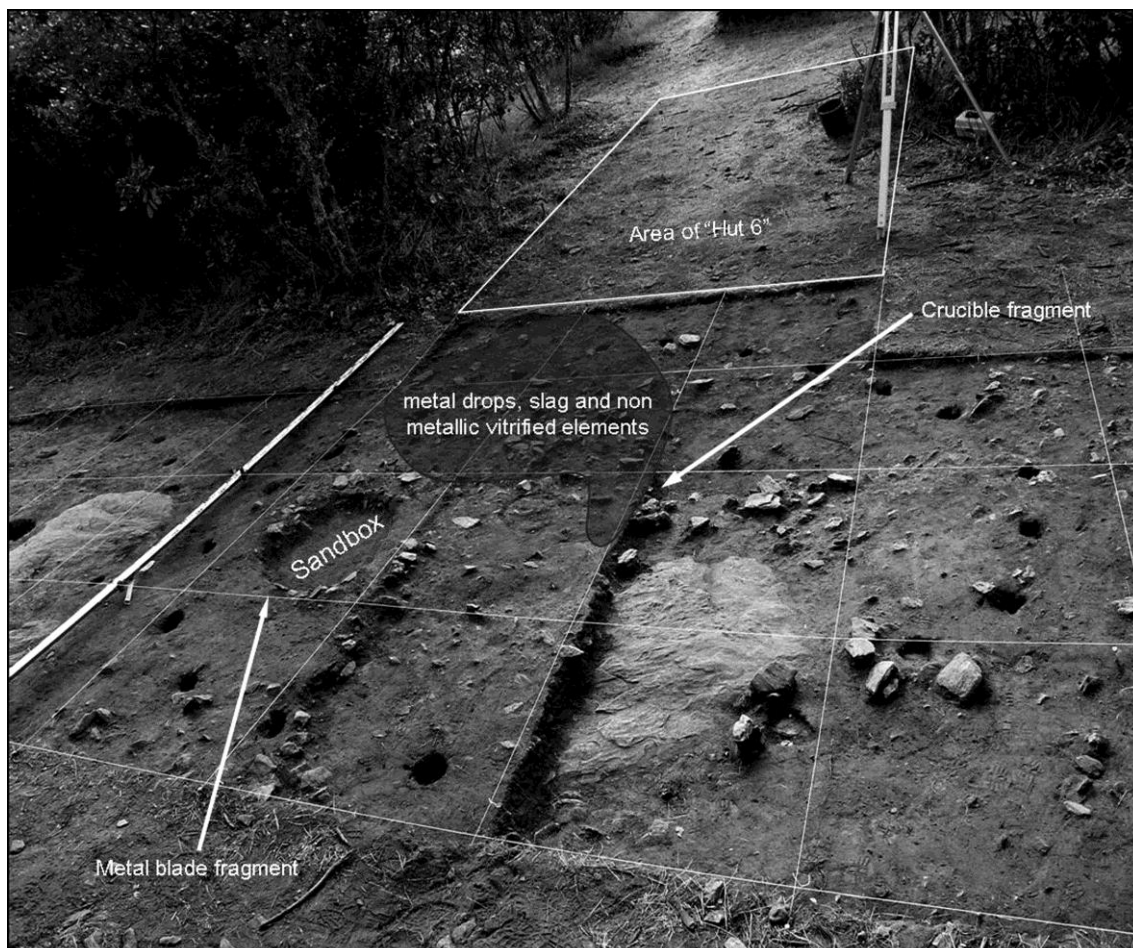


Figura 16. Fraga dos Corvos - Área de fundição do povoado do Bronze Médio (sg. Senna-Martinez, *et al.* 2007, fig.2 - reprodução autorizada).

Mas a ocupação deste sítio não se restringe ao Bronze Médio. O Sector M, é uma área que se localiza “numa plataforma delimitada por um troço de uma muralha em talude, de cujo aparelho foi, em campanhas anteriores, recolhido material arqueológico que apontava a sua construção para o Bronze Final”. Os materiais arqueológicos recolhidos durante a limpeza da muralha forneceram fragmentos cerâmicos, tais como “alguns fragmentos com decoração incisa (tipo “Cogeces”); uma pequena enxó de anfíbolito; e dois fragmentos de uma fíbula provavelmente de tipo Acebuchal, esta última proveniente da base do revestimento pétreo” (Senna-Martinez *et al.*, 2012: 25).

“Os materiais cerâmicos recuperados no setor M, na campanha de 2011 apontam para uma ocupação enquadrável no Bronze Final. No mesmo sentido, a muralha em talude, pode ser atribuída a um momento final daquele período” (Senna-Martinez, 2012: 39).

O **Povoado do Baldoeiro** (Torre de Moncorvo) abrange “um pequeno vale, com orientação e pendente Norte/Sul, no extremo do qual se situam os vestígios de um templo românico, e um esporão sobranceiro ao vale da Vilariça, constituído por grandes fragas graníticas e sobre o qual se ergueria uma torre roqueira de formato quadrangular” (Rodrigues, 1994: 27). Destaca-se na paisagem apesar de se situar a apenas 300m de altura (Rodrigues e Rebanda, 1999). Na área envolvente de um "castelo" granítico, que teve posterior ocupação medieval, recolhem-se numerosos fragmentos de material calcolítico, cerâmica de fabrico manual, lisa e decorada. Nas escavações efectuadas por Miguel Rodrigues, sob níveis medievais, foi detectada uma camada com materiais do Bronze Final/Ferro, com bordos denteados, camada que se sobrepõe a estratos com materiais da Idade do Cobre (Lemos, 1993: 352). Sob os níveis de ocupação da torre roqueira medieval existia uma camada negra pulverulenta onde se recolheram materiais pré-históricos, com destaque para cerâmicas decoradas com impressão "penteada". Recolheram-se moinhos de granito, machados polidos e uma enxó (Sanches, 1997: 283). A análise das cerâmicas pré-históricas indicou a presença de ocupações datáveis do Calcolítico e do Bronze Final/Ferro Inicial (Rodrigues, 1994: 27). A segunda fase de ocupação deste povoado é datável do Bronze Final, onde foram detetadas cerâmicas com decorações tipo “Cogotas I”, “Boquique” (incrustações e motivos em grinalda), incisões profundas, reticulados e plásticas (mamilos) (Rodrigues e Rebanda, 1999).

O **Castelo de Aguiar** (Vila Pouca de Aguiar) integra-se “num esporão avançado (810 m) da abrupta escarpa de falha que domina o vale do rio Corgo, no seu troço inicial entre Soutelo de Aguiar e Telões (Jorge, 1986: 573). A escavação de Susana Oliveira Jorge demonstrou a existência de três grandes fases de ocupação da estação, das quais destacamos a segunda fase, correspondendo ao Bronze Final, manifestando-se pelos vestígios de diversos materiais cerâmicos e líticos, vários tipos de estruturas (um murete, buracos de poste, fossas), e segundo as palavras da autora,

“(…) também se observou a perfuração posterior da camada 7, com o intuito de nela se inserirem grandes pedras que constituiriam a face externa duma possível estrutura defensiva do Bronze Final” (*Idem*: 579)

O **Craсто de Palheiros** (Murça) é um povoado que ocupa uma crista quartzítica elevada no topo de um cabeço. Este sítio possui um conjunto de ocupações balizadas entre o início do III milénio a.C. e o século II d.C. (Sanches, 2008: 21). O Craсто de Palheiros tem uma ocupação mal caracterizada do Bronze Final que se resume a alguns estratos muito revolvidos, onde os vestígios atribuídos a esse período parecem ter sido destruídos pelas ocupações posteriores da Idade do Ferro. Existem fragmentos cerâmicos enquadráveis no Bronze Final (informação pessoal de Dulcineia Pinto).

A **Senhora do Castelo** (da Adeganha, Torre de Moncorvo) situa-se num "castelo" granítico sobranceiro à ribeira da Vilariça, a meia altura entre o altiplano da Adeganha e o fundo do vale, com acesso simultâneo aos solos mais húmidos da depressão e aos solos mais leves e secos do planalto (Rodrigues e Rebanda, 1999: 112-113). É um sítio ocupado ao longo dos milénios, com abundantes materiais. Registam-se cerâmicas calcolíticas (penteadas e puncionadas), da Idade do Bronze (Cogotas I), da Idade do Ferro, da época romana, e medievais (Lemos, 1993: 343-344). Trata-se de um povoado fortificado com duas linhas de muralha. Não foi possível definir com precisão em que período foram construídas estas linhas de muralhas. Foi recolhido um abundante espólio à superfície que inclui artefactos de pedra polida, uma mó e fragmentos cerâmicos de características variadas, que apontam para uma

ocupação prolongada deste local. Os materiais foram recolhidos nas terras lavradas, situadas na encosta Este/Sul, exteriormente às linhas de muralhas (Rodrigues, 1990) e apresentam um conjunto notável de fragmentos decorados com motivos atribuíveis ao Bronze Final, nomeadamente efetuados com técnica Boquique (Rodrigues e Rebanda, 1999: 112-113).

O **Castro de São Juzenda** (Mirandela) é um povoado fortificado que ocupa a extremidade sobrelevada de um esporão, delimitado pela ribeira de Vale de Prados e pelo rio Tuela. É sobranceiro ao rio Tuela, localizando-se na sua margem esquerda. O Castro de S. Juzenda indica uma ocupação muito longa, desde o III milénio (início?) a.C. ao século IV d.C.. Este "castro" possui várias linhas de muralhas, uma delas datável do Bronze Final. A exiguidade das áreas escavadas não permite caracterizar o tipo de ocupação anterior à construção da muralha, nem se houve continuidade entre aquela ocupação mais antiga e a que é datada do Bronze Final (Sanches, 1997: 273).

Recentemente, identificaram-se vestígios seguros de ocupação na Idade do Bronze no sítio da **Vila Velha** (Vila Real). Nos últimos trabalhos aí realizados foram identificados níveis de ocupação pré-histórica integráveis no Bronze Final, onde foram detetadas diversas estruturas e contextos bem preservados, em diferentes áreas do morro (Baptista, 2008: 67).



Figura 17. Cerâmicas da Idade do Bronze dos contextos escavados na Vila Velha, Vila Real (Fonte: Arqueologia e Património).

Destaca-se um nível de ocupação que se encontra sobre uma Rampa/Talude, onde se escavou um piso, quatro lareiras e um buraco de poste. “A estrutura em rampa/talude é constituída por grandes pedras em granito, sendo algumas destas fragmentos de mós, envoltas num sedimento castanho-escuro”. Entre as pedras foram exumadas sementes carbonizadas, fragmentos cerâmicos e duas braceletes em bronze (Baptista, 2008: 67).



Figura 18. Vila Velha, níveis da Idade do Bronze (Fonte: Arqueologia e Património).

“Outra estrutura, que pela sua organização poderá ser funerária, trata-se de uma estrutura em negativo condenada por uma grande pedra, na qual se exumou um vaso completo, que terá fragmentado devido à força exercida pela pedra; e dois líticos, nomeadamente um dormente em granito e um alisador em quartzito” (Baptista, 2008: 67).



Figura 19. Vaso exumado da estrutura em negativo (Fonte: João Ribeiro da Silva).

Em relação ao povoamento, Ana M. S. Bettencourt avança com algumas considerações:

- Ao nível da implantação dos povoados durante o Bronze Final coexistem duas situações distintas:
 - a) “mantêm-se os povoados sobre pequenas colinas no vale,
 - b) consolida-se a tendência, emergente nos finais do Bronze Médio, do desenvolvimento de povoados em esporões de média altitude, na bordadura de vales agrícolas ou da plataforma litoral, com excelentes condições de visibilidade sobre o território e bem perceptíveis de longe”. (Bettencourt, 2013: 147)

- A dimensão destes sítios pode ser muito diversa, desde povoados que ocupam vários hectares até povoados cuja área é bastante reduzida (*Idem*: 148).
- “Os povoados que se localizam no seio de solos férteis e bem irrigados, quer estejam implantados em planaltos, em plataformas de vertentes ou em colinas no seio de vales ou da plataforma litoral, apresentam inúmeras fossas abertas nos sedimentos e no substrato rochoso, não raro com sobreposições, frequentemente agrupadas em núcleos e, por vezes, em associação com buracos de poste, Tal indicia que estariam no interior de estruturas cobertas, tal como se verifica para o Bronze Médio” (Bettencourt, 2013: 149).
- Alguns destes povoados foram delimitados por paliçadas ou por muros de contenção de terras, proporcionando terraços artificiais nas vertentes (*Ibidem*).
- Assim sendo, “o processo de amuralhamento durante o Bronze Final do Noroeste, teria sido raro, tal como vem sendo assinalado desde a década de 90” (Jorge, 1997; Bettencourt, 1999 citados em Bettencourt, 2013: 149).

Acrescentamos apenas o desconhecimento, até ao momento, de povoados de altura que se enquadrem no Bronze Inicial.

2.3. Outros Lugares

Enquadrar os vestígios arqueológicos em categorias ou tipologias estanques, é, pela sua diversidade, uma tarefa difícil. Existem sítios que parecem não ajustar-se às categorias apresentadas até ao momento. Por esse motivo, e seguindo a linha de pensamento de Ana M. S. Bettencourt, iremos distinguir outros tipos de contextos arqueológicos:

Lugares conectados com “santuários rupestres” dos quais a autora destaca a Bouça da Cova da Moura, uma ocupação relacionada com um conjunto de gravuras rupestres, das quais é sobejamente conhecida a Pedra Partida de Ardegães.

Numa intervenção arqueológica realizada em 2004 pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal da Maia, na **Bouça da Cova da Moura** (Maia) foi identificada uma ocupação da Idade do Bronze com vestígios da prática da metalurgia do bronze, estruturas em pedra e em negativo e vestígios ténues de pisos. Foi encontrado um pingo de fundição proveniente de um contexto do Bronze Médio (Carta Arqueológica do concelho da Maia, em linha). As escavações revelaram buracos de poste delimitados por pedras e restos de um pavimento argiloso. Estas estruturas associavam-se a fragmentos cerâmicos lisos ou com decoração maioritariamente plástica, em forma de cordões, pastilhas e mamilos, pertencentes a formas abertas e fechadas, de média e pequena dimensões, e a bases de fundo plano simples. Entre estes identificaram-se vasos com as seguintes formas: potes, potinhos, um vaso de médio bordo horizontal, um vaso tendencialmente troncocónico, um subcilíndrico e uma malga. Foram detetados ainda restos de fundição de bronze, a par de materiais líticos. Este conjunto de materiais insere-se no Bronze Médio do Noroeste, quer pela presença dos elementos metálicos, quer pela coexistência de vasos troncocónicos com vasos de médio bordo horizontal (Bettencourt *et al.*, 2012: 55-56).

Ana M. S. Bettencourt assinala ainda outro tipo de sítios arqueológicos que nos parece importante mencionar, os **recintos monumentalizados**. A autora refere-se a

“(...) lugares excepcionais em termos geomorfológicos, situados em locais marcantes e impressionantes, que se percebem de longe, de onde é possível visualizar um amplo espaço circundante e onde se efetuaram grandes investimentos construtivos e se manusearam e ou depositaram *itens* de exceção (cerâmicos, metálicos ou outros). Referimo-nos ao que designámos por recintos monumentalizados e nos quais incluímos hipoteticamente S. Julião, em Vila Verde; Alto da Pena, em Ponte de Lima e Castelo de Matos, em Baião” (Bettencourt, 2013: 166)

Passamos a caracterizar, sucintamente, S. Julião e Castelo de Matos.

A **Citânia de S. Julião** (Vila Verde) possui duas ocupações que se integram na Idade do Bronze: uma primeira ocupação, sem estruturas monumentais, no séc. XI a.C. e outra a partir da segunda metade do séc. IX até aos séculos VIII/VI a.C.. Aqui construíram-se dois grandes muros, na segunda metade do séc. IX a.C.. O mais interior e que rodeava a plataforma superior, com entrada voltada a nascente, era delimitado por um fosso parcial onde se depositaram dois punhais de tipo Porto de Mós. No interior deste recinto existiam sobreposições de diversas cabanas de contorno circular ou oval, com dimensões entre os c. de 5.50m e os 3.50m de diâmetro, algumas fossas abertas no subsolo, assim como inúmeros fragmentos de recipientes cerâmicos, de artefactos líticos, metálicos (machado, ponta de lança, bracelete, resto de caldeiro, etc.), de vidro (contas de colar) e de azeviche (braceletes). O segundo muro, que delimitava a plataforma Noroeste, com abertura voltada a Norte, “inscrevia algumas lareiras, escassos pavimentos e estruturas circulares de difícil classificação. Fora da muralha foi detetada uma fossa, tapada com pedras e contendo um vaso interpretado como urna funerária, assim como um afloramento com covinhas e sulcos” (Bettencourt, 2009: 108-109).

Realizaram-se escavações arqueológicas em **Castelo de Matos** (Baião), tendo sido reconhecida uma primeira ocupação atribuível aos finais da Idade do Bronze. A exiguidade da superfície escavada e as perturbações sofridas ao longo do tempo reduziram, consideravelmente, os vestígios da ocupação de Castelo de Matos na Idade do Bronze. No que concerne à ocupação pré-histórica é assinalado não ser “possível apresentar uma imagem clara das estruturas correspondentes à ocupação do final da Idade do Bronze”, porém foi identificado um provável “fundo de cabana”, cujo piso em saibro se estendia sob a muralha medieval, devendo ir até junto do rochedo, na periferia da plataforma” (Figueiral e Queiroga, 1988: 142).

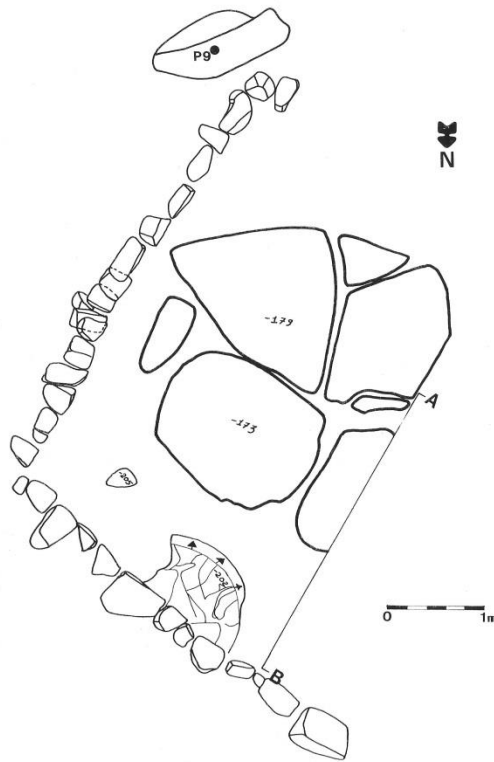


Figura 20. Castelo de Matos - “Pormenor do piso, ou fundo de cabana, da idade do Bronze, o qual passa debaixo da muralha medieval” (Queiroga, 1984: 141).

Segundo António Dinis “restou uma camada de pedras sugerindo o aplanamento da área para assentamento das estruturas, restos de troncos incarbonizados associados a um alinhamento de manchas circulares de carvões, dispostas quase em linha e em intervalos regulares, apontando para uma hipotética paliçada em madeira e parte de um piso em saibro que poderia corresponder ao fundo de uma cabana”. Além dos mais de dois milhares de fragmentos cerâmicos exumados, recolheram-se em Castelo de Matos alguns pequenos fragmentos de moldes, em argila, “parecendo um deles de espada”. O material não cerâmico resumiu-se a dois machados de pedra polida e a três artefactos em cobre, muito degradados, sendo duas pontas de seta e uma pequena faca (Dinis, 1991: 121).

| | Sítios | Neolítico | Calcolítico | B. Inicial | B. Médio | B. Final | I. Ferro | Romano | Medieval | Bronze |
|---|---|-----------|-------------|------------|----------|----------|----------|--------|----------|--------|
| POVOADOS ABERTOS | Sola (Braga) (Castro da Sola) | | x | x | x | | x | x | x | |
| | Areias Altas (Porto) | | | x | | | | | | |
| | Carreço Praia (Viana do Castelo) | | | x | | | | | | |
| | Boucintas/Regueira (Ponte de Lima) | | | x | | | | | | |
| | Cimalha (Felgueiras) | | | x | x | x | | | x | |
| | Quinta do Rápido (Barcelos) (Povoado do Rápido) | | | | x | | | | | |
| | Tapada da Venda I/Pedroso; Tapada da Venda II (Celorico de Basto) | | | | x | x | | | | |
| | Povoado de Lavra (Matosinhos) | | | | x | | | x | x | |
| | Monte Calvo (Baião) | | | | x | | | | | |
| | Bouça do Frade I (Baião) | | | | x | x | | | | |
| | Bouça do Carriço/Mocegueira (Arcos de Valdevez) | | | | x | | | | | |
| | Pego (Cunha, Braga) | | | | | | x | x | | x |
| | Corgo (Azurara, Vila do Conde) | | | | x | x | | | | x |
| | Santinha I (Amares) | | x | | | | x | | | |
| | Povoado da Lavra II (Marco de Canaveses) | x | | | | | x | | | |
| | Alto da Cidade (Braga) | | | | | | x | | x | x |
| Corga do Carroço/Lugar Novo (Terras do Bouro) | | | | | | x | | | | |
| Quinta de São Lourenço 2 (Bragança) | | | | | | | x | x | x | |
| POVOADOS DE ALTURA | Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) | | | | x | x | x | | x | |
| | São Lourenço (Esposende) (Castro de ...) | | x? | | | x | x | x | x | |
| | Barbudo I (Vila Verde) (Castro do...) | | | | | x | x | x | | |
| | Alto de Santa Ana (Chaves) | | | | | x | | | | |
| | Lugar da Costa (Vila Verde) | | | | | x | | | | |
| | Cabanas I (Braga) | | | | | x | | | | |
| | Falperra I (Braga) | | x | | | x | x | x | | |
| | Nossa Senhora de Fátima (Braga) | | | | | x | | | | |
| | Castelo de Faria I (Barcelos) | | x | | x? | x | x | x | x | |
| | Roriz I (Barcelos) | | | | | x | x | x | | |
| | Povoado do Baldoeiro (Torre de Moncorvo) | | x | | | x | x | x | x | |
| | Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar) | | x | | | x | | | x? | |
| | Alto da Caldeira (Baião) | | | | | x | | | x | |
| | Crasto de Palheiros (Murça) | | x | | | x | x | | | |
| | Senhora do Castelo (da Adeganha) (Torre de Moncorvo) | | x | | | x | x | x | x | |
| | Castro de São Juzenda (Mirandela) | | | | | x | x | x | | |
| | Vila Velha (Vila Real) | | | | | x | x | x | x | |
| | Rua D. Hugo, n.º 33 (Porto) | | | | | x | x | x | | |
| Monte Padrão (Santo Tirso) | | | | x | x | x | x | x | | |
| RECINTOS MONUMENTALIZADOS | S. Julião, em Vila Verde (Citânia de S. Julião) | | | | | x | x | x | x | |
| | Castelo de Matos (Baião) | | | | | x | | | x | |

Quadro 4. Sequências temporais dos povoados (abertos e de altura) e dos recintos monumentalizados (Bettencourt 2009, 2010, 2013, Sampaio *et al.* 2008 e dados inéditos).

Elaborámos o quadro 4 com o intuito de ser possível uma melhor leitura da dimensão temporal dos povoados referidos ao longo deste trabalho. É apenas uma amostra e as considerações tecidas de seguida são preliminares e parciais. Como podemos constatar através da sua análise, a maioria dos sítios referenciados não apresenta unicamente vestígios da Idade do Bronze. Existem situações em que a ocupação da Idade do Bronze se sobrepõe a vestígios mais antigos, Neolíticos e/ou Calcolíticos; ou, por outro lado, vestígios da Idade do Bronze que precedem ocupações da Idade do Ferro.

Em relação aos povoados de altura, um dos aspetos mais visíveis é o aparente desconhecimento deste tipo de povoados durante o Bronze Inicial e o número reduzido no Bronze Médio.

A segunda grande conclusão que podemos retirar da observação do quadro, é que o número de povoados conhecidos para o Bronze Final, quer estejamos a falar de povoados abertos ou de altura, é mais elevado do que para os dois períodos anteriores: o Bronze Inicial e o Bronze Médio. Muitos destes povoados do Bronze Final parecem emergir neste período, não se notando uma continuidade óbvia entre os três momentos da Idade do Bronze.

Nota-se que um grande número de povoados de altura do Bronze Final possui ocupações da Idade do Ferro. No entanto, não nos foi possível precisar se essas ocupações se inserem imediatamente na 1.^a Idade do Ferro ou na 2.^a Idade do Ferro.

Os períodos de transição são extremamente complexos de analisar, como tal, a passagem do Calcolítico para o Bronze Inicial e do Bronze Final para o Ferro Inicial, continua a suscitar inúmeros problemas de interpretação. No que concerne a transição Bronze Final/Ferro Inicial, muitas vezes as descrições dos sítios referem que as ocupações posteriores, do “Ferro”, destruíram os vestígios do Bronze Final.

3. PRÁTICAS SEPULCRAIS

No que toca às práticas sepulcrais, iremos agrupá-las em três grandes grupos: no primeiro concentramos as arquiteturas funerárias construídas “em pedra”, no qual incluímos os monumentos megalíticos, através da sua reutilização; a construção de monumentos de “tradição megalítica” e a edificação de cistas, simples, sem *tumulus*. Num segundo grupo, falaremos das fossas abertas no saibro, de diferentes tipologias e por último, abordaremos os enterramentos em grutas e abrigos.

Reutilização de Monumentos megalíticos/ Monumentos de “tradição megalítica”/Cistas

Segundo Ana M. S. Bettencourt, o processo de reutilização de monumentos megalíticos ocorre durante toda a Idade do Bronze, materializado através do depósito de recipientes cerâmicos, de artefactos líticos e metálicos, em ouro e prata, típicos do Bronze Inicial (Bettencourt, 2009: 94).



Figura 21. Púcaro de colo Alto do Dólmen de Carvalhas Alvas, Vila Pouca de Aguiar (Fonte: João Ribeiro da Silva).

As formas cerâmicas mais comuns durante o Bronze Inicial e Médio são os vasos troncocónicos e semicilíndricos, assim como os potinhos/púcaros similares aos vasos de «“tipo Tarayo” con o sin asas, a veces Carenados» (Bettencourt, 2010a: 144). Durante o Bronze Médio e o Bronze Final são comuns os vasos de largo bordo horizontal (*Ibidem*).



1. Vaso tronco-cónico.

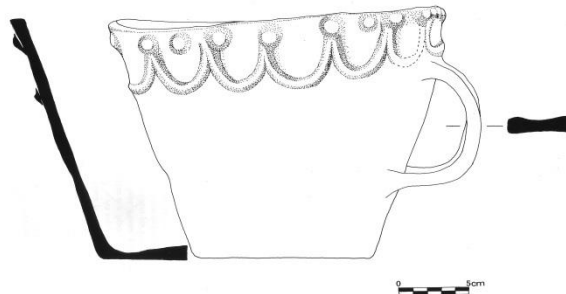


Figura 22. Vaso troncocónico da Cista do Gorgolão, Montalegre (Silva, 1994).

Os monumentos de “tradição megalítica” são definidos por esta autora como:

“estruturas cobertas por montículos artificiais de pedra e terra, muito pouco perceptíveis na paisagem, em cujo espaço central se construíram pequenas cistas de pedra ou fossas abertas no substracto. Por vezes não aparece qualquer tipo de câmara o que faz pressupor que estas poderiam ser em materiais perecíveis ou que os ritos funerários se efectuariam directamente sobre o solo” (Bettencourt, 2009: 94).

A construção de cistas que “podem ser rectangulares, quadrangulares ou trapezoidais, forradas a xisto ou granito, e cobertas com lajes ou pedras, sem *tumulus*” (Bettencourt, 2009: 98) é um fenómeno frequente na Idade do Bronze. Constituem “práticas funerarias de larga duração, pudiendo contener inhumaciones o incineraciones. Se distribuyen, normalmente, en áreas conectadas con valles fértiles, a veces, en el interior de los poblados coetáneos” (Bettencourt, 2010a: 147).



Figura 23. Outeiro de Gregos 1 e Estrutura Periférica (em primeiro plano), Baião (Bettencourt, 2010a: 145).

No quadro 5 fazemos referência a alguns sítios do Norte de Portugal que se enquadram nos tipos de práticas sepulcrais enunciadas anteriormente.

A reutilização dos monumentos megalíticos parece manter-se durante o Bronze Inicial e Médio, mas começa a ter menor expressão durante o Bronze Final. Também os monumentos de “tradição megalítica” parecem estar ausentes durante o Bronze Final, na região estudada (No entanto, os monumentos da Senhora da Ouvida em Castro Daire (a sul do Douro) datados do Bronze Final, enquadram-se neste tipo.). As cistas, por seu lado, parecem ser um fenómeno frequente, conforme foi referido previamente.

| | Reutilizações de monumentos megalíticos | | | | Monumentos de “tradição megalítica” | | | Cistas | | | |
|---------------------|--|---|--|--|---|--|--|--|--|---|--|
| Bronze Inicial | Dólmen de Madorras 1 (Sabrosa) | Dólmen do Monte da Cerca (Esposende) | | | <i>Tumulus de Meninas de Crasto 4</i> (Baião) | Outeiro de Gregos 1 (Baião) | Necrópole de Chã de Arefe (Barcelos) | Cista da Quinta da Água Branca (Vila Nova da Cerveira) | Necrópole de Lagares (Valbenfeito), Macedo de Cavaleiros | | |
| | Reocupado entre os finais do século XX e os inícios do XVII a.C. (data de C14 1931-1696 a.C.) | Espiral de prata atribuível ao Bronze inicial | | | Datado de 2457-2140 a.C. Espiral de prata | Datado de 2140-1786 a.C. Espiral de prata | “Aqui foram encontrados uma ponta de lança em cobre, de tipo Palmela; um braçal de arqueiro e um vaso tendencialmente troncocónico.” | “Aí foi enterrado um indivíduo coberto, pelo menos parcialmente, com um colorante avermelhado, com um diadema em ouro sobre o crânio, um punhal de cobre, do lado esquerdo além de duas espirais e dois aros de ouro em posição desconhecida.” | Várias sepulturas de inumação formadas por lajes de xisto. No seu interior detetaram-se alguns fragmentos cerâmicos e uma espiral de ouro, de três voltas. | | |
| B. Inicial ou Médio | Monumentos megalíticos da Serra (Esposende) | Dólmen de Carvalhas Alvas (Vila Pouca de Aguiar) | Dólmen da Estante (Alijó) | | | | | Cistas da Lomba (Fontela de Godim), Vila da Ponte, Montalegre | Necrópole de Cabriadas/Gorgolão (Montalegre) | Cista de Lordelo (Viana do Castelo) | Necrópole da Cavaleira (Esposende) |
| | | Púcaro de colo alto | Vaso troncocónico | | | | | Vasos troncocónicos | Encontraram-se três sepulturas e vasos troncocónicos | Construída nas proximidades de dólmen de Chafé (Viana do Castelo) e que continha um vaso troncocónico | “(…) Onde foram depositados vasos troncocónicos” |
| Bronze Médio | Dólmen de Madorras 1 (Sabrosa) | Antela da Portelagem (Esposende) | Uma das mamoaas neolíticas dos Prados (Arcos de Valdevez) | Reutilização do dólmen do Carreiro da Quinta (Vila Verde) | Estrutura periférica de Outeiro de Gregos 1 (Baião) | Outeiro de Gregos 5 (Baião) | | Necrópole de cistas do lugar de Belinho (Esposende) | Necrópole de Cistas de Agra de Antas (Esposende) | | |

| | | | | | | | | | | | |
|-----------------|--|--|--|---|-----------------------------|-----------------------------|--|--|--|--|---|
| | Reocupado entre séc. XVIII/XVII a.C. até finais do II milénio a. C. | Púcaro com carena na pança e mamilos | “Vaso cujas aderências orgânicas foram datadas de entre os finais do sécs. XVIII aos finais do XVI a.C.” | Dois vasos de largo bordo horizontal e um similar ao dos Prados.” | Datado entre 1768-1517 a.C. | Datado entre 1668-1416 a.C. | | Teriam aparecido várias sepulturas em xisto, no interior das quais se depositaram vasos de largo bordo horizontal e potinhos com carena na pança”. | Identificadas mais de 14 sepulturas, onde se conservaram ossadas de vários indivíduos, datados de entre os sécs. XV e XII a.C. (1406-1132 a. C) No seu interior foram depositados vasos de largo bordo horizontal, assim como um subcilíndrico.” | | |
| Bronze Final | Reutilização da Mamo de Chafé (Viana do Castelo) | Mamo de Cabritos 1 (Baião) | | | | | | Necrópole de cistas retangulares do Monte da Ola (Viana do Castelo) | Cista retangular de Curvos (Esposende) | Estrutura cistoide , coberta com pedras, do povoado da Santinha (Amares) | Cova da Moura – Carreço (Viana do Castelo) |
| | Taça carenada | Fossa de contorno oval contendo pedras e cinzas, datada entre 996-791 a.C. | | | | | | 3 cistas datadas entre 1251-938 a.C, com vasos de largo bordo horizontal. | Donde se exumou um vaso de carena alta, polido, de fundo plano e pasta arenosa/micácea | Onde foi depositado um potinho cerâmico com vestígios de cinzas, talvez de uma incineração” datada entre 1016-810 a.C. | Um dos enterramentos do eventual túmulo coletivo de incineração, onde se detetou uma laje grosseiramente antropomórfica e uma foice de alvado, em bronze. |
| Idade do Bronze | Mamo de Santo Ambrósio (Macedo de Cavaleiros) | | | | | | | | | | |
| | Com fragmentos cerâmicos que parecem inscrever-se nos “mundos estilísticos” Cogeces/Cogotas I. | | | | | | | | | | |

Quadro 5. Práticas sepulcrais: arquiteturas “em pedra” (Bettencourt, 2009: 94 e 98).

Fossas abertas no saibro

“Devido à acidez dos solos do Noroeste é difícil perceber a função de muitas fossas abertas no saibro; contudo, é provável que algumas, sobretudo as que se encontram seladas, pudessem ter tido função sepulcral e ter sido usadas já, desde o Bronze Inicial” (Bettencourt, 2009: 96).

Consideramos que se integram neste género de estruturas todos os tipos de fossas abertas no saibro, independentemente da sua forma. No entanto, podemos distinguir dois grandes grupos de fossas abertas no saibro: a) as fossas ovais, circulares, semicirculares; b) as sepulturas “planas”, muitas delas aproximadamente retangulares e que se caracterizam por um fundo aparentemente plano.

No primeiro grupo integram-se os seguintes sítios: Boucinhas, Campos do Postigo/Beiriz, Faísca, S. Julião e Foz do Medal.

Para Ana M. S. Bettencourt é possível “(...) admitir que as fossas seladas das **Boucinhas** (Ponte de Lima), da transição do III para o II milénios a.C. contendo vasos intactos no seu interior, pudessem ser sepulcrais” (Bettencourt, 2009: 96). Estas fossas encontram-se nas imediações de um povoado e estão datadas entre 2294-1980 a. C, ou seja, do Bronze Inicial (Bettencourt, 2010a: 153).

As fossas de **Campo do Postigo/Beiriz** (Póvoa do Varzim) podem ser interpretadas como funerárias:

“Aquí, en la fosa 2, cubierta por una potente capa de arcilla, yacía un vaso con paralelos en otros contextos tumulares regionales como la Mamoia do Carreiro da Quinta, en Vila Verde y en una de las Mamoias dos Prados, Arcos de Valdevez. Es más, las adherencias orgánicas de este último vaso permitieron datarlo entre 1736-1501 a.C por lo que es probable que esta forma sea un indicador de contextos tumulares del Bronce Medio” (Bettencourt, 2010a: 153).

Encontraram-se em **Faísca** (Guimarães) cerca “de uma dezena de fossas, de perfil semi-ovóide, com cerca de 1,10m profundidade por cerca de 80 cm de diâmetro, contendo, cada uma, um vaso de largo bordo horizontal, disposto na vertical a cerca de 70 cm a 80 cm de profundidade” (Bettencourt, 2009: 97). Estas fossas podem ser integradas no Bronze Médio ou Bronze Final.

A **Fossa de S. Julião** (Vila Verde) constitui um contexto do Bronze Final, onde foi escavada uma fossa tapada com pedras e contendo um vaso de tipo urna (Bettencourt, 2009: 97).

Recentemente, no Vale do Sabor, a escavação do Terraço da **Foz do Medal** (Mogadouro), “revelou uma importante ocupação da Idade do Bronze materializada num conjunto de estruturas negativas de tipo fossa. Quatro dessas estruturas apresentavam enterramentos primários, três individuais e um duplo, nomeadamente de 1 sub-adulto e 4 adultos” (Gaspar *et al*, 2014: 59). Refira-se que este tipo de contexto era absolutamente desconhecido, até ao momento, em Trás-os-Montes e Alto Douro.

As fossas que se integram no segundo grupo são caracterizadas por Ana M. S. Bettencourt da seguinte forma:

“Otras estructuras tumulares usadas durante la Edad del Bronce son las sepulturas simples, de forma oval o rectangular, excavadas en el substrato rocoso, a veces cubiertas por una potente capa de arcilla o con pequeñas concentraciones de piedra. Sin ofrendas o conteniendo sólo recipientes cerámicos estas sepulturas se distribuyen en territorios conectados con valles fértiles, frecuentemente cerca de poblados. Se conocen, por lo menos, a partir del Bronce Medio” (Bettencourt, 2010a: 150).

Constituem necrópoles (por vezes bastante extensas) que se localizam na periferia de povoados coetâneos. Falamos das necrópoles do Tapado da Caldeira, da Cimalha e do Pego.

A necrópole do **Tapado da Caldeira** (Baião) que se localiza nas imediações do povoado da Bouça do Frade, encontra-se datada entre 1617-1437 a.C. (Bettencourt, 2010a: 153). Foram detetadas cinco estruturas abertas no saibro em torno de um afloramento granítico: quatro sepulturas sub-retangulares e uma "fossa" de planta e perfil muito irregular, todas preenchidas com terra castanho-escura compacta, em cujo topo se encontrava uma lareira constituída por pequenas pedras e abundantes carvões, adossado ao afloramento. As sepulturas I, II e III têm uma planta sub-retangular e fundo aproximadamente plano. A sepultura IV, de muito menores dimensões, apresenta uma planta sub-elíptica e também fundo plano (Jorge, 1980: 36-37).

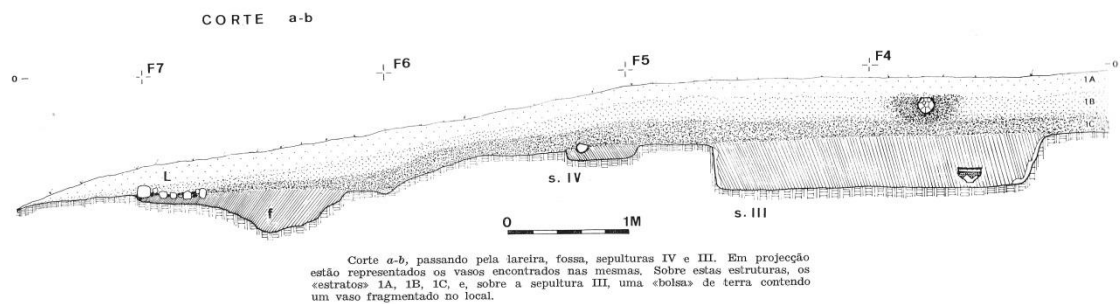


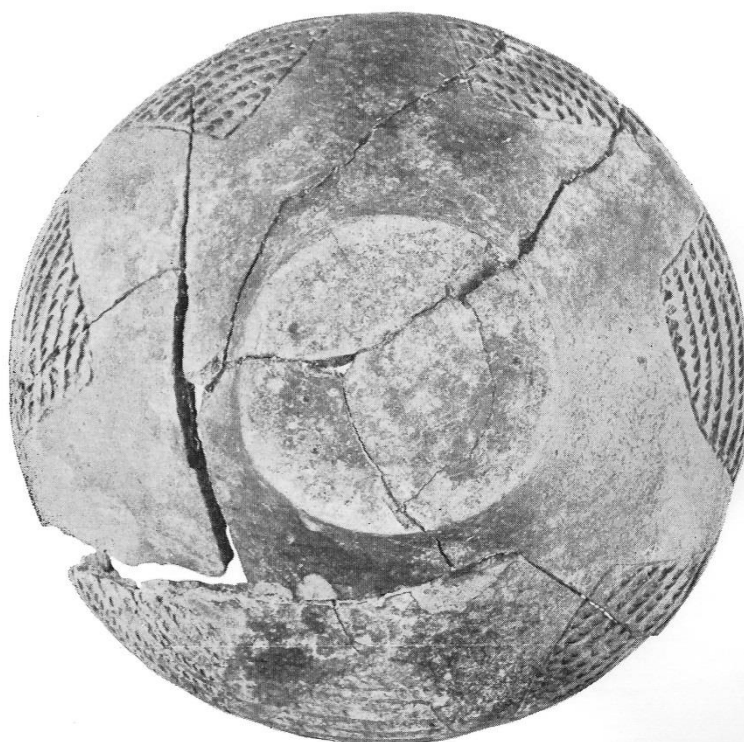
Figura 24. Corte a-b onde estão representados uma lareira, uma fossa e as sepulturas IV e III (Jorge, 1980).

O enchimento das quatro sepulturas é sensivelmente idêntico; (...) quaisquer que tenham sido as condições que presidiram ao enchimento das mesmas não parece ter havido violações posteriores, o que se verifica pela existência, em cada uma das estruturas quer de um vaso inteiro (sepulturas II e IV) quer de um vaso fragmentado *in situ* e totalmente reconstituível (sepulturas I e III) colocados em cada uma das extremidades” (Jorge, 1980: 36-37).



0 — 2 CM

1 — Vaso da sepultura III (antes do restauro), com perfurações circulares entre o bordo e a pança, revelando vestígios de colocação de «grampos» contemporâneos do seu uso. (Foto do Serv. Iconog. ICBAS).



0 — 2 CM

2 — Vaso da sepultura III (antes do restauro). Organização decorativa em «estrela» de 7 pontas. (Foto do Serv. Iconog. ICBAS).

Figura 25. Vaso da sepultura III do Tapado da Caldeira, Baião (Jorge, 1980).

Os enterramentos identificados na **Cimalha** (Felgueiras) podem ser divididos em dois tipos: inumação e cremação, num total de 175 fossas. Localizam-se no lado mais oriental da zona escavada, espalhadas por uma área de cerca de 1088 m² (Almeida e Fernandes, 2008: 40). Foram identificadas 174 sepulturas de inumação de “cista plana”, sub-rectangulares, com paredes côncavas, rasgadas no saibro. As suas dimensões médias situam-se nos 222 cm de comprimento, por 85cm de largura e uma profundidade de 35cm. Existem sepulturas de diferentes dimensões. Também a orientação das sepulturas é variável. Esta situação das diferentes orientações das sepulturas levanta a possibilidade dos enterramentos terem sido efetuados ao longo de um período cronológico muito dilatado. Esta hipótese pode ser confirmada pela sobreposição de algumas delas (Almeida e Fernandes, 2008: 40).



Figura 26. Fossa 243 da necrópole da Cimalha (Almeida e Fernandes, 2007: 119).

A sepultura n.º 322 é caracterizada por diversos aspetos que importa referir: possui uma orientação Norte/Sul e durante a sua escavação foi identificado, sob a forma de madeira carbonizada, um suposto caixão. No interior dessa caixa de madeira, composta por fundo, paredes laterais e tampa, foi encontrado um pote troncocónico em muito bom estado de conservação (Almeida e Fernandes, 2008: 41).

As fossas sepulcrais e *tumuli* em madeira abertos no terreno geológico, após o enterramento, são cobertas por terra. Em 120 dessas sepulturas encontrava-se um pote cerâmico, provavelmente votivo, situado sempre numa das extremidades das mesmas (Almeida e Fernandes, 2008: 40).



Figura 27. Vasos exumados das fossas 174 e 172 (Almeida e Fernandes, 2007: 120-121).

Não tendo sido identificada qualquer barreira arquitetónica construída que separasse os silos das sepulturas, a dada altura, o aumento da área de enterramentos levou a que a área das sepulturas se unisse à zona dos silos de armazenamento, existindo um caso em que um dos silos terá sido utilizado como local para enterramento (cremação – Fossa 105), sendo este um caso único detetado em toda a zona. Para o efeito foi escavada uma pequena cavidade no fundo da fossa de silagem que, depois de cheio com cinzas, foi selada com uma argamassa de barro (*Idem*: 34).

No sector II do **Pego** (Braga), ocupando parte da vertente sul e sudoeste, ocorrem inúmeras sepulturas formando uma necrópole do Bronze Final, onde se escavaram 13 sepulturas planas abertas no saibro. Estas sepulturas possuem diversas dimensões e contornos, que vão desde o sub-restangular ao trapezoidal. Em quase todas estas estruturas foi depositado um vaso cerâmico de largo bordo horizontal (Sampaio *et al.*, 2008: 230).



Figura 28. Vasos de largo bordo horizontal das sepulturas do Pego, Braga (Bettencourt, 2010a: 161).

Recentemente a cronologia das sepulturas foi revista, verificando-se que:

“the carbon dating results situated the plain graves of this context between the XVIII and XV centuries B.C., that is, in the second quarter of the I millennium B.C. and in what is generically accepted as regional Middle Bronze Age. (...) the previous proposed chronology for that area of Pego is receded, since it was prior ascribed to Late Bronze Age (Sampaio e Bettencourt, 2014: 53).

A **Necrópole da Quinta da Bouça** (Famalicão) teria sido

«constituída por sepulturas abertas no saibro de forma rectangular, tendo em conta a descrição efectuada por José Fortes, em 1908 que refere o achado de um bracelete de ouro "numa área rectangular, que poderia corresponder em dimensões a um coval d'inhumação", assim como "o aparecimento no mesmo terreno, á distancia de cerca de 100 metros, de duas vasilhas hermeticamente tampadas e contendo "terra em pó", quando em tempo remoto se procedeu a uma idêntica surriba"» (Bettencourt, 2009: 97).

A **necrópole do Alto da Vela** (Vila Nova de Gaia) apareceu acidentalmente em 1908, quando se cavava terra para a reparação de um caminho. A Câmara Municipal empreendeu escavações arqueológicas, que foram realizadas por José Fortes, tendo aparecido 98 sepulturas, de tipologia diversa, e perto de duas centenas de vasos e outros objetos. Esta necrópole possui duas fases de ocupação cronologicamente bem distintas: Alto da Vela I é uma necrópole de fossas da Idade do Bronze Final e o Alto da Vela II uma necrópole romana (Silva, 2007: ficha A010).

Ana M. S. Bettencourt defende que:

- “Os limites cronológicos dos vasos troncocónicos permitem inserir, dentro do Bronze Inicial e Bronze Médio, uma série de cistas e de necrópoles em que estes artefactos aparecem” (Bettencourt, 2010a: 148).
- “Las necrópolis de sepulturas “opacas” (cistas sin *tumuli*, sepulturas planas y fosas), localizadas en áreas de importante potencial agrícola y en las inmediaciones de los poblados, fueron construidas por comunidades sedentarias, muy implicadas en actividades agrícolas, con un marcado sentido de la territorialización y un dominio y conocimiento profundo del territorio”.
- “En cambio, las comunidades conectadas con paisajes montañosos, eventualmente mas subordinadas a las prácticas pastoriles y con modos de vida que implicarían mayor movilidad, serían las responsables de la construcción de estructuras funerarias más visibles, como los monumentos bajo *tumuli* de tradición megalítica, alejados de los poblados” (Bettencourt, 2010a: 139).

Enterramentos em grutas e abrigos

As grutas e os abrigos também foram ocupados como lugares de enterramento e de depósitos durante a Idade do Bronze do Noroeste oriental. Gostaríamos de salientar o facto de em todo o Norte de Portugal não se conhecer, até ao momento, este tipo de enterramentos em grutas, com exceção da parte oriental de Trás-os-Montes e Alto Douro, zona onde não abundam monumentos de tradição megalítica, nem estruturas cistóides.

A **Lorga de Dine** (Vinhais) é uma pequena gruta localizada num dos escassos e pequenos maciços calcários existentes no nordeste transmontano. Segundo Sande Lemos, o exame de um conjunto de materiais permitiu a identificação de cerâmicas calcolíticas, da Idade do Bronze (Cogotas I); do Bronze Final/Idade do Ferro (tipo Baiões e lisas carenadas); e da Idade do Ferro (lisas, com bordos evoluídos) (Lemos, 1993: 442). As duas principais fases de ocupação são o Calcolítico e a Idade do Bronze, amplamente representadas nos numerosos materiais recolhidos, havendo também alguns materiais, mais escassos, que pertencem a uma terceira fase de ocupação, do Bronze Final/Idade do Ferro. Sabe-se que pelo menos em alguns momentos a gruta foi usada como necrópole. O espólio recolhido é numeroso, destacando-se a grande quantidade de cerâmica, com muitos vasos inteiros, na sua maioria profusamente decorados. Há também abundante material lítico e osteológico, humano e animal (Portal do Arqueólogo, em linha).

Ainda sobre a Lorga de Dine, e de acordo com Maria de Jesus Sanches, trata-se duma estação sepulcral, embora seja de considerar a hipótese de a mesma ter servido também como local de habitat. Foram exumados ossos de animais: *Bos*, *Sus*, *Ursus*, *Cervus*; pontas de seta de base côncava e bicôncava (em sílex, corneana e xisto); contas de colar esféricas e cilíndricas. O espólio mais abundante é constituído por recipientes cerâmicos, a maioria ricamente decorada. Existem ainda formas lisas carenadas (carena média) e um vaso troncocónico com asa lateral e mamilos sob o bordo. As técnicas decorativas presentes são a impressão "penteada", simples ou arrastada, a incisão leve e funda, o puncionamento simples e arrastado, e a decoração plástica. Muitas decorações são preenchidas de pasta branca (Sanches, 1997: 287).

Ana M. S. Bettencourt salienta ainda uma série de grutas existentes nas vertentes do Monte Ferreiros (Miranda do Douro) que terão servido como lugares sepulcrais (Bettencourt, 2009:17). Trata-se de quatro grutas: Grutas de Ferreiros, Gruta Grande, Gruta da Ribeira e Gruta do Geraldes (Sanches, 1997: 287).

Na **Gruta dos Ferreiros** foram encontrados por Nery Delgado «grande quantidade de cacos de louça grosseira, negra, evidentemente fabricada à mão, lisa ou com ornatos muito simples à superfície, um furador de osso de 15 cm de comprimento, uma ponta de seta e um pequeno machado em forma de cunha, ambos em bronze. Um crânio humano e fragmentos de outros crânios e ossos humanos» (Delgado, 1887, p. 6 citado em Marcos, 1993: 206).

No Museu dos Serviços Geológicos de Portugal encontram-se, com a indicação de proveniência de «Gruta de Ferreiros», um crânio incompleto e vários artefactos, nomeadamente dois fragmentos de recipientes cerâmicos lisos, globulares e fechados, um fundo convexo e cinco fragmentos decorados; uma ponta de seta de sílex de base bicôncava; uma lâmina de sílex de secção sub-trapezoidal não retocada, um fragmento de um anel circular em osso, um furador em osso, um machado plano e um punhal, ambos em cobre arsenical (Sanches, 1992: 49).

A **Gruta Grande**, de enormes dimensões, continha, numa superfície limitada, um estrato de terra «fina de côr enegrada», pouco espesso, integrava «ossos de animais (cabra ou carneiro, coelho, etc.) e alguns ossos humanos, que provavelmente pertenciam a um esqueleto, cuja parte principal estava incrustada no manto estalagmítico a pequena distância, achando-se o crâneo separado dos ossos do tronco» (Sanches, 1992: 49). Nesta gruta, o esqueleto incompleto já se integrava no manto estalagmítico, mas, também neste caso, Nery Delgado não correlaciona a pequena camada de sedimentos com esta «deposição» ou «enterramento» (*Idem*: 50).

Na **Gruta do Geraldo** teriam aparecido ossadas humanas, um machado plano e um punhal triangular, em cobre, entre outro material cerâmico e ósseo (Bettencourt, 2009:17).



Figura 29. Entrada da Gruta Grande (Moreira e Moreira, 2005).

Nery Delgado refere ter recolhido no **Monte Pedriço** «dois machados polidos de amphibolite» e «uma folha de punhal (em bronze) de forma triangular, reforçada por um veio longitudinal, com a ponta arredondada, medindo 0,29 m de comprimento e 0,10 m de largura na base. É ornada de três estrias ou linhas paralelas ao gume, e junto da base tem três orifícios por meio dos quaes se ligava ao cabo» (Delgado, 1887, p. 8 citado em Marcos, 1993: 207).

“Podemos pôr a hipótese de estes locais terem sido usados como locais de enterramento e, cumulativamente, como habitats, ou então, e como alternativa, a de uma e outra ocupação se poderem ter sucedido em momentos sucessivos” (Sanches, 1992: 49).

Maria Jesus Sanches colocou a hipótese de estas grutas terem sido usadas como locais de enterramento devido à presença de esqueletos ou de parte de esqueletos (Sanches, 1997: 287).

O **Fragão da Pitorca** consiste “num aglomerado de formações graníticas que conferem ao local um posição destacada na paisagem. O conjunto dos rochedos gera um promontório que descai em forma de penedia sobre o seu sector ocidental.” Foi neste abrigo de médias dimensões, que nos inícios dos anos oitenta do séc. XX foi encontrada uma espiral em ouro (Portal do Arqueólogo, em linha). Armbruster e Parreira (1993: 25) referem-se ao achado como “ (...) um anel espiralado de ouro [que] estava associado a um machado plano de cobre e a cerâmica (...). Ana M. S. Bettencourt refere que neste sítio arqueológico teriam sido realizados enterramentos “provavelmente, desde o Calcolítico até ao Bronze Inicial. Aqui, a par de ossadas humanas, apareceram cerâmicas lisas e decoradas, assim como uma espiral em ouro e um machado plano, ainda com rebarbas de fundição” (Bettencourt, 2009:18).

Numa primeira escavação do **Abrigo 2 da Fraga dos Corvos** (Macedo de Cavaleiros) efetuada em 2004, foi possível determinar que apesar de remeximentos recentes, parte dos enchimentos originais ainda se conservavam no sector sul do abrigo. Durante a decapagem do abrigo foi possível reunir um “conjunto de bronzes”, composto por uma fíbula de dupla mola; um pendente com decoração pontilhada a punção nas duas faces; uma agulha; uma argola de bronze e três fragmentos de barrinhas; um fragmento supostamente de “escória” e um “pingo de fundição”. Segundo Senna-Martinez (*et al.*, em linha):

“O cariz mediterrânico (orientalizante) da fíbula de dupla mola, da agulha (com abundantes paralelos em sítios peninsulares meridionais) e mesmo do pendente, uma vez que a decoração tem paralelos nos grafitos sobre recipientes de cerâmica cinzenta de Medellin datados do séc. VII a. C. (...) confere alguma homogeneidade aparente ao contexto (...).”

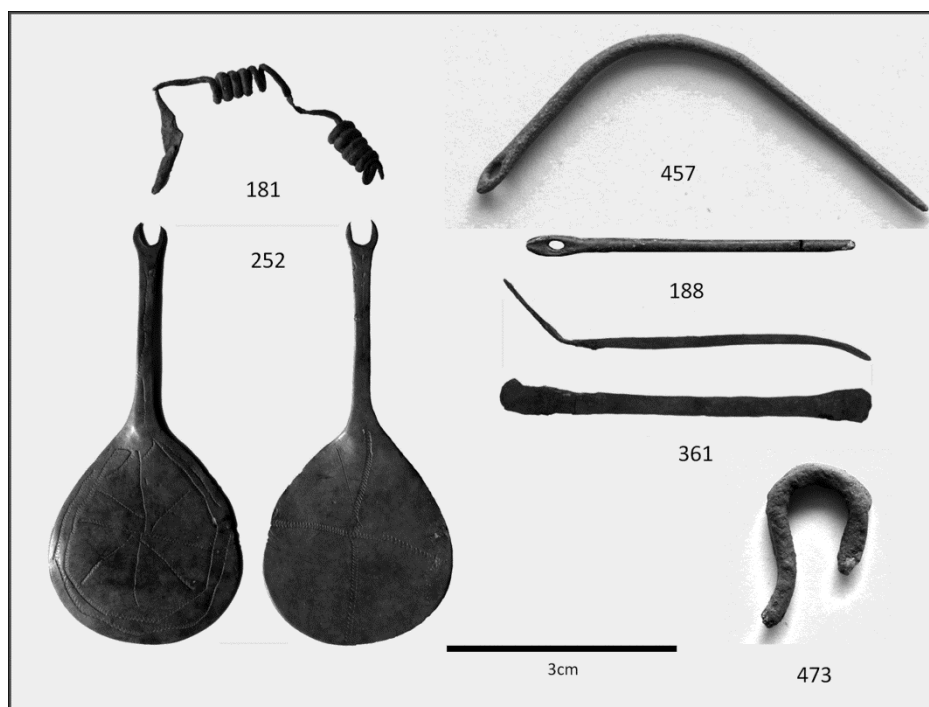


Figura 30. Fraga dos Corvos, Abrigo 2 - Bronze Final - Conjunto de artefactos metálicos de filiação mediterrânica do Abrigo 2 (sg. Senna-Martinez, *et al.* 2012, figura 2 - reprodução autorizada).

Este contexto é interpretado por Ana M. S. Bettencourt como sendo um provável enterramento do Bronze Final onde a descoberta de “um pendente decorado e um pequeno bracelete, em bronze, assim como uma fíbula de dupla mola, uma espátula e um fragmento de um cinturão, que pertenceriam ao mesmo contexto”, constituiria “um conjunto de ornamentos corporais e de espólio associado ao tratamento do corpo com paralelos nos enterramentos da Roca do Casal do Meio, em Sesimbra, datados do Bronze Final” (Bettencourt, 2009:17).

Como **estruturas indeterminadas** apresenta-se a **estrutura dos Granjinhos** (Braga) uma estrutura aparentemente circular, definida por um alinhamento de pedras e saibro perto do povoado do Alto da Cidade, e “no interior da qual se colocaram quatro urnas de incineração” (Bettencourt, 2009: 98) e a **Necrópole de Vale Ferreiro** (Fafe), constituída por dois *tumulus* com uma arquitetura atípica (Bettencourt, 2010a: 157). Não foi possível inserir nenhum destes sítios nos grupos referidos anteriormente. Com o avançar da investigação e a escavação de novos sítios arqueológicos, será possível perceber se estas estruturas são absolutamente atípicas ou se se integram em novos tipos, ainda não definidos.

4. NOTAS FINAIS

O convite que recebemos para participar na Mesa Redonda sobre as Continuidades e Descontinuidades da Idade do Bronze em Portugal, reportava-se ao estudo de uma área específica dentro do Norte de Portugal: a região de Trás-os-Montes e Alto Douro (a norte do rio Douro, com exceção do concelho de Vila Nova de Gaia, que foi integrado neste trabalho). A um mês da Mesa Redonda que teve lugar em Abrantes, foi-nos solicitado a elaboração de uma apresentação sobre a Idade do Bronze em todo o Norte de Portugal. Desde esse momento ao culminar da elaboração deste artigo passaram apenas três meses.

Sendo que não nos foi possível elaborar, em três meses, uma verdadeira síntese da Idade do Bronze no Norte de Portugal, também não nos parece ajuizado avançar com considerações de teor interpretativo. Falar de continuidades e descontinuidades parece-nos ser absolutamente impossível, perante estas circunstâncias. Optámos, deste modo, por elaborar um texto onde fosse possível resumir alguns dos trabalhos e das ideias-chave de Ana M. S. Bettencourt, a arqueóloga que melhor conhece a Idade do Bronze nessa parte do território português, em virtude dos seus inúmeros trabalhos de investigação sobre esta temática.

Pessoalmente, considerámos que para se perceber o que é a Idade do Bronze importa, numa primeira fase, conhecer e compreender que sítios são estes, e que pistas nos fornecem para a caracterização do “Bronze”. Neste sentido, optamos por descrever, sumariamente, alguns destes sítios, sendo que possuímos uma informação mais detalhada para as estações arqueológicas que integram o nosso próprio projeto de investigação.

Embora o estudo da metalurgia do Bronze, dos depósitos metálicos, das estátuas-menir e das estelas, que também caracterizam este período, se afigure como algo indispensável para a compreensão da Idade do Bronze em território português, só nos foi

possível apresentar alguns dados sobre o povoamento e as práticas sepulcrais, dado o volume de informação com o qual tivemos de trabalhar.

Gostaríamos, ainda, de salientar como principal particularidade desta árdua tarefa, a oportunidade que tivemos de constatar a riqueza e diversidade dos elementos disponíveis para o estudo das comunidades que ocuparam o território português, entre os finais do II milénio a.C. e o primeiro quartel do I milénio a.C.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de salientar o apoio prestado por Ana M. S. Bettencourt ao longo da elaboração deste trabalho, para quem dirijo os meus sinceros agradecimentos. Gostaria, igualmente, de agradecer a cada uma das pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho: Ana Cruz, Ana Vale, Andreia Arezes, António Silva; Dulcineia Pinto; Francisco Sande Lemos; João Paulo Barbosa (Logiark, Serviços Arqueológicos); Joana Alves-Ferreira; João Carlos Senna-Martinez e Elsa Luís; João Fonte; João Ribeiro da Silva (Museu da Vila Velha); Jorge Sampaio; José Varela; Lídia Baptista; Luís Sousa; Lurdes Cunha; Maria de Jesus Sanches; Miguel Rodrigues; Miguel Serra; Nelson Campos; Pedro Almeida e Francisco Fernandes (Mola Olivarum Lda); Peixoto de Lima (Câmara Municipal de Celorico de Basto), Rita Gaspar; Rui Parreira; Sandra Santos; Sara Luz; Sérgio Gomes, Susana Soares Lopes e Vítor Fonseca (Arqueologia e Património).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ELETRÓNICAS

ALMEIDA, P. B.; FERNANDES, F. (2007) - A escavação arqueológica no Povoado das Cimalhas. *Oppidum*, número 2. Lousada: Câmara Municipal de Lousada. pp. 115-123.

ALMEIDA, P. B.; FERNANDES, F. (2008) - O Povoado da Idade do Bronze da Cimalha. *Oppidum*, número especial. Lousada: Câmara Municipal de Lousada. pp. 29-44.

AREZES, A. (2006) - *Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos: Monte da Cimalha, Sernande – Felgueiras*. Perennia Monumenta. Vila Nova de Famalicão.

ARMBRUSTER, B.; PARREIRA, R. (1993) – *Colecção de ourivesaria 1. Do Calcolítico à Idade do Bronze*. Lisboa, Instituto Português de Museus.

BAPTISTA, L. (2008) - As escavações arqueológicas na área urbana da Vila Velha de Vila Real. *Actas do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior – 04 da idade média à contemporaneidade - ambientes e musealização*, ACDR Figueira de Castelo Rodrigo. pp. 64-78.

BARBOSA, J.P. (2010a) - *Arqueologia no Porto. Sondagens de Avaliação Prévia - Rua de Marechal Saldanha, 1318-1324*. Nevogilde – Porto (MSL1318.10) Relatório Preliminar LOGIARK, Porto – Junho 2010.

BARBOSA, J.P. (2010b) - *Arqueologia no Porto - Trabalhos de Acompanhamento de Obra e Escavação Arqueológica. Rua de Marechal Saldanha, 1318-1324*. Nevogilde – Porto (MSL1318.10) Relatório Preliminar. Segunda Fase. LOGIARK. Porto – Novembro 2010

BETTENCOURT, A.M.S. (1999) - *A paisagem e o homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios a.C.* Braga: Universidade do Minho. Vol. 3.

BETTENCOURT, A. M.S. (2000) – *O Vale do Cavado (Norte de Portugal) dos finais do III Milénio aos meados do I Milénio a. C. Sequências Cronológico-Culturais*. Braga: Universidade do Minho.

BETTENCOURT, A. M.S. (2001) - *O povoado da Santinha, Amares, Norte de Portugal, nos finais da Idade do Bronze*. Cadernos de Arqueologia, Monografias – 12. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

BETTENCOURT, A. M.S. (2009) - Práticas funerárias da idade do bronze de Trás-os-Montes e da Galiza oriental. *Revista Aquae Flaviae*, Nº 41. Chaves.

BETTENCOURT, A. M.S. (2010a) - La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: un análisis a partir de las prácticas funerárias. *Trabajos de Prehistoria*. 67, nº 1, enero-junio 2010. pp. 139-173.

BETTENCOURT, A. M.S. (2010b) - Comunidades pré-históricas da bacia do Leça. In Varela J.; Pires C. (coords.) - *O rio da memória: arqueologia no território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal. pp. 33-88.

BETTENCOURT, A. M.S. (2013) - O Bronze Final no noroeste português. Lugares, memórias e ações. In Cardoso, J.L. (ed.) - *Sistemas de Povoamento do Norte, Centro e Sul do Território Português no decurso do Bronze Final*. Oeiras: Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras e Câmara Municipal de Oeiras.

BETTENCOURT, A. M. S.; FONSECA, J. (2011) - *O povoado da Idade do Bronze de Lavra, Matosinhos. Contributos para o estudo do Bronze Médio no litoral Norte*, Matosinhos: Centro de Investigação Transdisciplinar. Cultura, Espaço e Memória – CITCEM /Junta de Freguesia de Lavra.

BETTENCOURT, A. M.S.; DINIS, A.; SOUSA, I.; CRUZ, .C. & PEREIRA, J. (2002) - A estação arqueológica da Tapada da Venda, Pedroso, Celorico de Basto (Norte de Portugal): primeiras impressões das escavações de 2001. *Portugália*, Nova série, nº 23, Porto. pp. 185-198.

BETTENCOURT, A.; ALVES, L.; RIBEIRO, A.; MENEZES, R. (2012) - Gravuras rupestres da Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Maia, Norte de Portugal), no contexto da Pré-história Recente da bacia do Leça. *Gallaecia: revista de arqueología e antiguidade*. Vol 31.

BOTELHO, I. (2013) - O sítio do Corgo. Uma estação da Idade do Bronze em Vila do Conde. In ARNAUD, J.; MARTINS, A.; NEVES, C. (eds.) - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 581-589.

BOTELHO, I.; SOBRAL, P. (2007) – *O Sítio do Corgo em Azurara. Um Sítio Multissecular descoberto em Acompanhamento Arqueológico de Obra de Duplicação da Linha da Póvoa*. Setembro de 2007. Disponível em: < <http://www.metrodoporto.pt>>.

CABRAL, J. (2010) - O depósito de conchas do sítio arqueológico das “Areias Altas” (Porto, Portugal). Estudo morfológico e morfométrico das conchas inteiras de moluscos. *Férvedes Vilalba* (Lugo) Número 6. pp. 73-82.

CARDOSO, J.L.; Vilaça, R. (2008) - Artefactos da Idade do Bronze da região de Chaves. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 11. Número 2. pp. 41–54.

CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DA MAIA, em linha. Disponível em: <http://cultura.maiadigital.pt/em-linha-com/arqueologia/carta-arqueologica/folder.2006-11-06.7874377141/>

DINIS, A. P. (1991) - Cerâmicas do bronze final de Castelo de Matos (Baião). *Cadernos de Arqueologia*. Braga. 2ª série, nº 89. p. 119-134.

FIGUEIRAL, I. M.; QUEIROGA, F. M. (1988) – Castelo de Matos. *Arqueologia*. Porto: GEAP, Nº 17. pp. 137-150.

FONSECA, J. (2011) - *Intervenção Arqueológica, Rua D. Hugo, n.º 33. Relatório preliminar*. 17 de Junho de 2011. *Arqueologia e Património*. pp. 14-16 e 19-21.

GASPAR, R.; CARRONDO, J.; NOBRE, L.; RODRIGUES, Z.; DONOSO, G. (2014) - Espaço para a morte. O terraço da Foz do Medal (Vale do Sabor, Nordeste de Portugal) durante a Idade do Bronze. *Estudos do Quaternário*, 10, APEQ, Braga. pp. 59-72 Disponível em: <http://www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq>.

GONÇALVES, H.B. (1981) - A estação pré-histórica do Monte Calvo Baião. Notícia preliminar. *Arqueologia*. Porto. 3. pp. 77-87.

GONÇALVES, H.B. (1982) - Monte Calvo. *Informação arqueológica*. Lisboa. 5.

JORGE, S. O. (1980) - A estação arqueológica do Tapado da Caldeira, Baião. *Portugália*. Porto. Nova série: 1, pp. 29-50.

JORGE, S. O. (1981) - Sondagens arqueológicas na Estação do Alto da Caldeira (Baião). *Arqueologia*. 3. Porto: GEAP. pp. 67-76.

JORGE, S. O. (1986) - *Povoados da Pré- História Recente (III.º - Inícios do II.º Milénios a. C.) da Região de Chaves - V.ª P.ª de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de doutoramento, Vol. I.

JORGE, S. O. (1988a) – O povoado da Bouça do Frade. *Arqueologia*. GEAP: Porto. Nº 17. pp. 134-137.

JORGE, S. O. (1988b) - *O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final de Portugal*. Porto: GEAP. Monografias Arqueológicas 2.

LEMOS, F. S. (1993) - *Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*. Vol. II. Braga: Universidade do Minho.

LUZ, S. (2010) - O Depósito de conchas do sítio arqueológico das Areias Altas (Porto, Portugal). Discussão do enquadramento arqueológico da estrutura 15. *Férvedes*. Vilalba (Lugo). N.º 6. pp. 141-145.

MARCOS, D. S. (1993) - Catálogo dos Monumentos e Sítios Arqueológicos do Planalto Mirandês (Pré-História). *Brigantia*. Bragança. Vol. XIII (3-4) Jul-Dez. pp. 193-233.

MARTÍN SEIJO, M.; FIGUEIRAL, I.; BETTENCOURT, A.M.S.; GONÇALVES, A.H.B.; ALVES, M.I.C. (2011) - A floresta e o mato. Exemplos da exploração dos recursos lenhosos pelas comunidades da Idade do Bronze Inicial e Médio do Noroeste de Portugal. In: TERESO, J.;

HONRADO, J.; PINTO, A.T.; REGO, F.C. (eds.) - Florestas do Norte de Portugal. História, Ecologia e Desafios de Gestão. Porto: InBio – Rede de Investigação em Biodiversidade e Biologia Evolutiva (e-book). Pp. 85-98.

MENDES, C.; SENNA-MARTINEZ, J.C. [D.L. 2008] - *Patrivs: heranças macedenses*. Macedo de Cavaleiros: Câmara Municipal. Cadernos “Terras Quentes”. 5.

Metro do Porto. Linha B: Azurara – Corgo, Google + (em linha) Disponível em: <https://plus.google.com/photos/105822037648216006226/albums/5864878888953414609?authkey=CKSnyM2o3qWErgE> (Consultado em Abril de 2014).

MOREIRA, D.; MOREIRA, P. (2005) Vimioso. *EspeleoDivulgação*. Vol. 6. Núcleo de Espeleologia da Universidade de Aveiro.

PARM (1993) - *Inventário Arqueológico do Concelho de Torre de Moncorvo* (doc. policopiado).

QUEIROGA, F. M. (1984) - Escavações Arqueológicas em Castelo de Matos. Notícia preliminar. *Arqueologia*. Porto: GEAP. 9.

PORTAL DO ARQUEÓLOGO (2014) - Direção-Geral do Património Cultural (em linha). Disponível em: <http://arqueologia.igespar.pt/>

RAMOS, R. (2010) - Trabalhos arqueológicos. *Boletim Municipal de Bragança*, Bragança: Câmara Municipal de Bragança. N.º 26 | Julho a Dezembro – 2010.

RODRIGUES, M. A. (1990) - *Subsídios para o estudo dos povoados da Pré - História Recente no Vale Médio do Douro/Norte*. Porto. (documento policopiado).

RODRIGUES, M. A. (1994) - *Cerâmicas medievais da região de Moncorvo (sécs. XII-XIII)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Mestrado (policopiado).

RODRIGUES, M. A. (2012) - A ocupação humana no Baixo Vale do Sabor - I. Património Arqueológico e Arquitetónico. *Revista Campos Monteiros: História, Património e Cultura*. (documento policopiado cedido pelo autor).

RODRIGUES, M.A.; REBANDA, N. (1999) - Cerâmicas pré-históricas do Baldoeiro (Adeganha – Torre de Moncorvo). *Olaria, 2*, Museu de Olaria, Barcelos.

SAMPAIO, H. A.; BETTENCOURT, A. M. S. (2011) - Produção e práticas metalúrgicas da Idade do Bronze no Noroeste português. O caso do Pego, Braga. In: C.M.B. Martins, A.M.S. Bettencourt, J.I.F.P. Martins & J. Carvalho (eds.) *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental*. Braga: CITCEM, APEQ. pp. 391-407.

SAMPAIO, H. A.; BETTENCOURT, A. M. S. (2014) - Between the valley and the hill top. Discoursing on the spatial importance of the Pego's Bronze Age necropolis, Braga (NW Portugal). *Estudos do Quaternário* 10. pp. 45-57.

SAMPAIO, H.; BETTENCOURT, A. M. S., BARBOSA, R., DINIS, A., CRUZ, C., (2008) - A importância do povoado do Pego no Bronze Final do Noroeste de Portugal. *Férvedes*, 5, Vilalba, Lugo (ESP). pp.: 227-233.

SAMPAIO, J. D. [s.d.] - Carta Arqueológica de Celorico de Basto. Município de Celorico de Basto (Documento inédito, gentilmente cedido pelo Município de Celorico de Basto).

SANCHES, M. J. (1988) - O povoado da Lavra (Marco de Canaveses). *Arqueologia*. 17, Porto: GEAP. pp. 125-134.

SANCHES, M. J. (1992) - *Pré-História recente do Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*. Monografia Arqueológica, 3. Porto: GEAP.

SANCHES, M. J. (1997) - *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro (O abrigo do Buraco da Pala – Mirandela - no Contexto Regional)*. Textos 1. Vol. II. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

SANCHES, M. J. (Coord. Científica) (2008) - *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça-Portugal*. Murça: Município de Murça.

SENNA-MARTINEZ, J.C.; LUÍS, E. (2009) – A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 6 (2008). *Cadernos Terras Quentes*. Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC.6, pp.69-79.

SENNA-MARTINEZ, J.C.; LUÍS, E.; REPRESAS, J. (2012) - A Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros). A campanha 9 (2011: primeira análise comparativa dos sectores A e M – 1.ª Idade do Bronze/Bronze Final? *Cadernos Terras Quentes*, Macedo de Cavaleiros: ADPACMC.9.

SENNA-MARTINEZ, J.C.; REPRESAS, J.; LUÍS, E.; FIGUEIREDO, E.; LOPES, F.; GOMES, S.; ARAÚJO, M.F.; SILVA, R.J. (2012) – Metal Artefacts of Mediterranean Affiliation from Fraga dos Corvos Habitat Site (Eastern Trás-os-Montes, Portugal): A First Appraisal. *O Arqueólogo Português*. V. 2, p. 241-263.

SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M.; CARVALHO, H. A. [s.d.] – A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros). Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 3 (2005). Associação Terras Quentes. Macedo de Cavaleiros. Disponível em: <http://www.terrasquentes.com.pt/content.aspx?id=78>

SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q.; CARVALHO, H. A.; ARAÚJO, M. F.; FIGUEIREDO, E.; VALÉRIO, P. (2007) – Bronze Melting and Symbolic of Power: The Foundry Area of Fraga dos Corvos Bronze Age Habitat Site (Macedo de Cavaleiros, North-Eastern Portugal). *Proceedings of the 2nd International Conference “Archaeometallurgy in Europe”*. Aquileia, Italy, 17-21 June 2007.

SILVA, A. M. S. P (2007) - Fichas de Património Arqueológico. *Inventário do Património Arquitectónico e Arqueológico*. D.P.U. Revisão do Plano Director Municipal de Gaia. Ficha A010.

SILVA, A. M. S. P. (2010) - Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. *Gallaecia*. 29 (2010), Santiago, pp. 213-262.

SILVA, M. A. (1994) - A Cista do Gorgolão (Vila da Ponte – Montalegre). *Portvgalia*. Nova Série. Vol. XV. pp. 137- 146.

SILVA, T.; PIEDADE, M. (2011) – Intervenção Arqueológica. Requalificação da Orla Costeira de Matosinhos - Relatório Final. Matosinhos: Arqueologia e Património.



